AVEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1969 ★ ANO XVI ★ N.º 784

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

Numa terra como Aveiro — água! água! água! —, em que o elemento líquido é soberano, em que a água dá o pão para a boca, mas o pão se conquista, por vezes, na iminência do drama; numa terra assim, mais água do que terra, o bombeiro terá que ser adestrado para o fogo, e também para a água, que, matando o fogo comum, também ela própria mata. Talvez por isso foi que os «Bombeiros Novos», lobrigando o perigo em todos os elementos, se decidiram a preparar os seus homens para todas as contingências: hoje, três deles frequentam, no Alfeite, um curso de homens-rãs. A fotografia, que gentilmente nos foi cedida pelo tão prestigiado diário nortenho «O Comércio do Porto», documenta um preliminar ensaio em voluntário que se propõe ser útil também na água, bombeiro que é. Do Alfeite lhe virá o diploma, se o merecer — que a foto apenas mostra a complicada operação de impor a vestidura dum complicado equipamento, indispensável a caminhar debaixo de água para salvar vidas ou, meramente, para salvar haveres. Não é caso para desafiarmos a tempestade; mas, porventura — por ventura —, será caso para podermos confiar em que, na tempestade, estará um bombeiro, um Anjo-Bom...

CANTARÁ MAIS ALTO!

Já se ergue, visível e promissora, a nova sede do Clube dos Galitos. Fica ali, em nobilíssimo local citadino, na praça a que foi dado o nome do grande aveirense Dr. Joaquim de Mello Freitas — nome também glorioso na vida gloriosa do grande Clube aveirense.

Só que o novo poleiro, onde o galo cantará mais alto, importará em cifra que ultrapassa os cinco milhões de escudos! E a obrigação de custear tão vultosa despesa compete a TODOS OS AVEIRENSES.

Há mais de duas décadas que o Clube dos Galitos não apelava para a bolsa da população citadina; têm-o feito, agora, em «estado de necessidade» — e muitos aveirenses, honra lhes seja, têm ouvido o seu apelo. Mas se a dádiva daqueles a quem se bate à porta é louvável correspondência a justa e imperiosa solicitação — como não louvar os que, espontâneamente, vêm, com a sua migalha ou com a sua taleiga, trazer tijolo de parede, ou parede inteira, para a nova casa do Galitos?

Neste caso estão duas altas figuras de Aveiro: o Bispo da Diocese e o Chefe do Distrito.

Para além da conta da moeda, contam o exemplo do Bispo e o exemplo do Governador.

Que aveirenses haverá por aí que, com tais exemplos, não queiram seguir o exemplo?!

NO CENTENÁRIO DE MAHATMA GANDHI

Dr. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

O número de Novembro corrente de «Selecções do Reader's Digest», na edição brasileira, publica um artigo sobre «Gandhi, apóstolo da não violência», em que se diz: «Uma das mais duradouras dessas ideias foi a da *satyagraha*, ou não-violência gandhiana. Muita incompreensão ainda cerca essa técnica pacífica de revolta. Ela não tem relação com as obscenidades lançadas pelos participantes das *greves brancas* de hoje, nem com as brutalidades da autoridade. Para Gandhi, a *satyagraha*, ou *força da verdade*, era mais poderosa do que a guerra ou a revolução violenta; a vitória estava assegurada porque, nas palavras de um estadista indiano, a *satyagraha* era «a resistência ao mal, baseada em Deus e na crença em sua infalível soberania». O opositor não deve sentir ódio por quem lhe faz mal, e o mal não deve ser respondido com o mal. A desobediência deve ser anunciada com antecedência, e a pessoa deve estar disposta até a morrer por acreditar que a verdade que ela defende é mais importante do que a própria vida».

Sobretudo os que aqui vivemos, em Moçambique, sabemos que Gandhi viveu na África do Sul durante alguns anos. Esse artigo de «Selecções» descreve o primeiro ensaio de *satyagraha*: «Pouco depois nascia a *satyagraha*. A primeira ocasião de aplicá-la ocorreu em 1907, no Transvaal. A lei, no Transvaal, exigia que os indianos se registassem e carregassem um passe. Depois, o Supremo Tribunal da África do Sul decidiu que só os casamentos cristãos eram legais; com isso, as esposas hindus, muçulmanas e parsis passavam a concubinas. Gandhi organizou a resistência não violenta. Houve uma ocasião em que cinquenta mil espectadores indianos contratados entraram em greve de solidariedade. Milhares de indianos foram presos, entre eles Gandhi, sem resistência às duras represálias do governo. Após oito anos de lutas o governo revogou a mais

Continua na página três

A PARTIR DE AMANHÃ
CTT ENCERRAMENTO AOS DOMINGOS E FERIADOS

Já desde 1 de Outubro de 1967 se não efectuava a distribuição postal domiciliária aos domingos e feriados, o que consentiu, nesses dias, merecida folga aos carteiros. A partir de amanhã, também terão folga aos domingos e feriados os funcionários dos CCT que prestam serviço nas estações e postos do Continente e Ilhas Adjacentes, com duas justificáveis excepções: Restauradores, em Lisboa; e Batalha, no Porto.

Sem assinalável prejuízo para o público — ficarão assegurados os serviços permanentes de telefones e, também, com aceitáveis condicionalismos, os de telegramas — concretiza-se agora uma justa aspiração dos dedicados serventuários dos CTT.

Todos aplaudirão, por certo, a humaníssima medida — aliás vigorante, há muito, nos restantes países da Europa.

Sobre o livro de Hernâni Cidade
PORTUGAL HISTÓRICO CULTURAL

DR. BARATA DA ROCHA

CONFÚCIO, o célebre filósofo chinês que, como sabem, viveu de 551 a 479 a. C., teria espalhado um dia, para bem dos homens e da Humanidade, que ele tanto amava, dois conselhos que poderemos resumir nestas palavras:

«Não te aborreças, se os outros não reconhecem os teus méritos; mas preocupa-te contigo, se não reconheceres os méritos dos outros».

. . . .

Reconhecer os méritos dos outros, quando eles realmente o merecem, e divulgá-los, é um hino de louvor à justiça, é uma salutar tentativa de benéfica aproximação dos homens e é, acima de tudo, — por que não o afirmar? — uma obrigação que todos temos, seja qual for o grau de cultura e de inteligência de que sejamos dotados.

Mas louvar de que maneira? — Louvar sòmente com honestidade, louvar com a intenção de divulgar boas qualidades, quer morais quer intelectuais, de forma a que desse louvor resulte algo de benéfico para a própria pessoa elogiada e para os outros.

Doutra forma, podemos cair na «adulação», no acto de lisonjear servilmente, tão em voga entre muitos que, despidos de uma personalidade bem vincada, fazem do

Continua na página cinco

ERNESTO DE SOUSA
A PROCURA INQUIETA

Em Ernesto de Sousa transparece um anarquismo que sugere uma inquietação aparentemente contraditória. Implicado num tempo — o da procura —, sistematiza e elabora uma proposta de busca a partir do conhecimento duma experimentação imediata que se inscreve como impressão dum processo permanentemente em aberto.

Inquietantes interrogações prevalecem (nele), apontadas a uma problemática de aproximação colectiva (im)possível e definem a sua personalidade de coerente pluralismo. Adentro duma convergência esquemática de comunicação efectiva, prevalece uma tentativa de desmistificação do quotidiano e das simulações enfermiças visíveis no limiar dessa comunicação.

Negando a necessidade da experiência que paradoxalmente perfilha — nega-a como objecto da estabilização definitiva, perfilha-a como processo indispensável de evolução permanente —, Ernesto de Sousa mergulha-se na paixão duma comu-

ARTUR FINO

Continua na página dois

Aveiro conhece os méritos do Professor Hernâni Cidade: por mais do que uma vez, Aveiro teve o ensejo de ouvir a sua palavra, a um tempo fluente, clara, substancial, elucidativa. Aqui vemos o erudito Mestre quando em Aveiro proferiu magnífica lição, no dia 14 de Outubro de 1956

A Procura Inquieta

Continuação da primeira página

nicação viva em cujos contornos se desenha, com nitidez, a renúncia ao silêncio opressivo do imobilismo em curso.

Desvinculado de qualquer premissa obscurantista, do cinzento religioso *de conceitos amorfos, Ernesto de Sousa* transfigura-se *em imagem expressiva dum processo dinâmico que confere à sua actividade uma qualidade de concepção envolvente.*

O individualismo que, em análise superficial, se lhe pode apontar é, pelo contrário, a afirmação duma necessidade imperativa — a afectividade de colectivo — ,justamente aquela *necessidade vital que se liberta do puro idealismo para uma vivência autêntica.*

Parece-nos, desta forma, que a finalidade de toda a contemporaneidade *controversa é, bàsicamente,* o edifício *humano.*

Artur Fino. — Ernesto de Sousa, como você é um homem das artes, do cinema e do teatro, entre outras, eu queria saber se existe alguma influência do cineno *seu* teatro ou vice-vresa, isto é, se há uma afinidade estética ou formal no *seu* cinema extraído duma expeirência de teatro ?

Ernesto de Sousa. — *Eu não percebo lá muito bem o que seja o meu cinema ou o meu teatro. Nas minhas poucas experiências (eu, pelo menos, considero poucas), não como problemática de dificuldade qualitativa, mas em relação à continuidade sobretudo, a minha experiência é descontínua, tanto no cinema como no teatro. Julgo, de resto, que esta é uma característica das artes em Portugal e da cultura em geral, sobretudo das artes que implicam grandes massas. A descontinuidade nega um pouco o valor de experiência a tudo o que se possa chamar* experiência. *Por outro lado, eu não acredito muito na* experiência *pois acho que, realmente, o que fica para trás é pouco significativo. Portanto, não falando em nome de uma experiência em que não acredito (eu falo geralmente), penso que é impossível que o cinema não tenha uma influência das formas teatrais de mais actualidade, pelo menos aquelas que eu penso que o são. Mas julgo que isto não tem muita importância. O mais importante é que o TEATRO — aquilo a que nós hoje chamamos teatro e já não* interessa *como tal — corresponde a algo de muito mais profundo, mais òbviamente antigo, e necessário, que o cinema, que eu coloco ao nível do processo, enquanto que o teatro é uma das formas fundamentais de estar no mundo. Acho que estamos todos um pouco em teatro no mundo — estamos sempre em situação. Dentro deste estar em situação, há peças de teatro, incluindo aquelas peças vulgares de puro entretenimento e que não são mais do que processos. Depois, há vários processos de expressão, entre os quais o cinema.*

A. F. — Em que medida entende que há um cinema novo em Portugal ?

E. S. — *Acho que o cinema novo em Portugal nasceu velho, na medida em que temos aceitado os compromissos da produção normal, os compromissos comerciais. Do ponto de vista ético existe um cinema novo, uma nova atitude que naturalmente começará já a estar inquinada. De qualquer maneira, ao princípio, pelo menos, houve e ainda se mantém um proselitismo, um espírito de responsabilidade que, do ponto de vista ético, é perfeitamente novo. Do ponto de vista estético, não acho qualquer possibilidade de definição do novo cinema.*

A. F. — Concretamente, o que representa para si o cinema que faz ? O seu próprio cinema ?

E. S. — *Repito que eu detesto a ideia, a ideia só, de que alguém possa falar no seu cinema ou no* seu teatro. *Um ou dois filmes no espaço de seis anos não nos dá esse direito. Penso que há, por outro lado, um denominador comum naquilo que penso fazer: é comunicar. O que me interessa fundamentalmente é esclarecer, investigar e apurar, portanto aperfeiçoar e aprofundar as formas de comunicação.*

A. F. — Julga que o CINEMA pode ter de facto um papel preponderante numa estrutura social ?

E. S. — *Julgo que o TEATRO pode ter um papel preponderante numa estrutura social .*

A. F. — O cinema ! Passamos ao cinema.

E. S. — *O cinema,... o cinema, não sei bem o que seja.*

Em breve, dentro de alguns anos — não é de maneira nenhuma ficção científica — o cinema far-se-á em fitas magnéticas, como este aparelho que está aqui, e vender-se-á às pessoas, em cassettes, para levar para casa e meter no seu aparelho de TV. Quero dizer, portanto, que o cinema será uma coisa muito diferente do que é hoje, como a TV já é diferente do cinema .

Nós temos formas; essas formas, as existentes e as futuras, que se revestem de aspectos completamente diferentes, têm uma importância decisiva. Mas não é por elas próprias, é ainda, e uma vez mais, pela maneira como estão incluídas num complexo de comunicação.

Eu penso que a TV tem uma importância maior, do ponto de vista social, que o cinema.

A. F. — De qualquer forma, acredita na sociologia da arte...

E. S. — *Acredito. Isto não é uma questão de crença: a sociologia da arte existe como uma ciência que se organiza, aliás como todas as ciências humanas se tentam organizar cientìficamente. Não é uma questão de crença, pode-se praticar. Eu não acredito (posso não acreditar) em certas mnaeiras de aplicar a sociologia da arte, mas isso é outra história.*

A. F. — Uma ideia muito sua, muito particular, para um tipo de arte que fosse actuante junto das massas — que fosse eminentemente actuante ?

E. S. — *Uma forma de arte eminentemente actuante ? Acho que o cinema não pode ser uma arte eminentemente actuante. Para voltarmos ao cinema uma vez que vejo que o cinema é uma das coisas que o preocupa, acho que não pode ser. Se pode, é num sentido negativo: o cinema torna passivo o espectador. O cinema, tal como o conhecemos ainda hoje, prega-nos à cadeira e faz-nos sofrer uma história, um problema, uma vivência, há até uma influência física. Por mais positivo que seja um filme, do ponto de vista ideológico-artístico, resta que, fundamentalmente, a grande actuação será levar às massas hábitos de actuação por si próprias. O que é importante é tornar as pessoas aptas a decidir por si sobre o que é bom e o que é mau.*

Isto só verdadeiramente se consegue com novos hábitos de acção, de intervenção e de participação.

O cinema que eu penso para o futuro será um cinema diferente que, de resto, dificilmente se distinguirá, por exemplo, do teatro; que intervirá simultâneamente com o teatro, que recorrerá a um certo número de formas que impliquem a participação, quer no sentido brechtiano, quer ainda e indo mais longe, enfim, para uma problemática que o próprio Brecht não teve ocasião de sofrer tão profundamene (é já da sociedade de consumo), em que a intervenção eleva o espectador à atitude crítica, até o chocar por vezes, despertar da letargia.

A. F. — No caso particular do cinema nacional acha que há alguma possibilidade de se romper este imobilismo ?

E. S. — *Acho que sim. O novo cinema tem que — com riscos de soçobrar estèticamente — assumir a produção, isto é, a produção de filmes em formato reduzido.*

O próprio cine-clubismo falhou e, em certa medida, tem que ser remodelado, moldar-se em si mesmo num formato substandard. O novo cinema tem que não abandonar as salas standard, mas não as tornar como um exclusivo da nossa atenção e, sobretudo, dar uma importância primeira ao formato substandard.

José Luís. — É uma coisa que não existe cá, não é verdade ?

E. S. — *Não existe. Só muito recentemente foi considerada uma legislação de cinema de 16 mm.*

José Luís. — Qual é o interesse dos particulares ?

E. S. — *Há hoje imensas sociedades, clubes, etc., que têm o seu projector de 16 ou 8 mm., até os particulares os têm, por vezes. É relativamente fácil, por exemplo, fazer filmes curtos de 8 mm., até sem grandes pretensões artísticas, (porque as grandes pretensões artísticas são os vícios desta coisa toda). Com a preocupação da tal investigação das formas de comunicação, da transmissão de curtas mensagens, etc., e com estes filmes, comunicar. Iniciar estas experiências que, aliás, começam por coisas como esta (conversa) em que o cinema podia estar aqui já a agir entre nós.*

A. F. — Eu tinha de facto uma série de perguntas a fazer, que, ao fim e ao cabo, estão implícitas já nas respostas que foi dando a outras perguntas.

E. S. — *Esta resposta foi mais sober os processos. Mas quanto à questão de fundo, aquilo que o novo cinema deve fazer, teríamos que dizer mais qualquer coisa.*

Eu acho que o novo cinema não pode deixar de sair do seu exclusivismo estético. A maior parte das pessoas interessadas no cinema jovem, têm, relativamente ao cinema uma espécie de partidarismo: O cinema é tudo, e isto é, primeiro, uma negação cultural e, por outro lado, impede o acesso a imensas, profundas e necessárias, experiências que se estão a fazer noutros domínios. Há muita gente no novo cinema português até (não somos muitos os do cinema português jovem) que têm um desprezo absoluto pelo teatro — uma coisa sem pés nem cabeça.

A. F. — Não há uma justificação para tal atitude dessas !

E. S. — *De maneira nenhuma. Acho uma forma de acultura, até.*

ARTUR FINO

NOTA — Esta «entrevista» que era para ser uma entrevista a dois, acabou por resultar numa conversa que foi gravada e depois fragmentada, visto ser demasiado longa — por vezes particularizada e codificada — para ser inserida num só número do jornal. Na próxima semana virá o resto.

A. F.

Associação Jurídica de Aveiro

Assembleia Geral

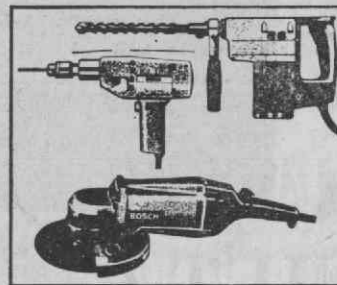
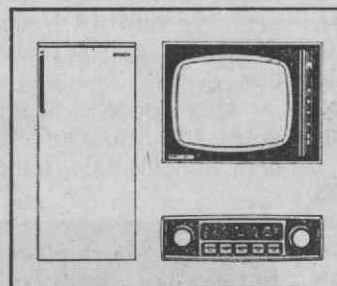
CONVOCATÓRIA

A fim de reunir-se em sessão ordinária, para apreciação do respectivo orçamento, nos termos do art.º 16.º dos Estatutos, e também para tratar, porventura, de algum outro assunto de interesse associativo, convoco a Assembleia Geral para o dia 28 do corrente, às 21 horas, no Salão Nobre do «Grémio do Comércio de Aveiro».

Se àquela hora não houver número legal de associados, realizar-se-á a dita Assembleia uma hora mais tarde, no referido local, com os presentes.

Aveiro, 10 de Novembro de 1969

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Jayme Dagoberto de Mello Freitas

No Centenário de Mahatma Gandhi

Continuação da primeira página

repugnante das leis discriminatórias. Uma nova força política tinha nascido».

No tempo em que vivo, assiste-se à erupção quotidiana e internacional da violência. A Che Guevara chamam-lhe um novo Bolivar da América. Guevara dizia que havia necessidade de criar outros Viet-Nam: «por eso, crear un nuevo Viet-Nam no constituey una tragedia. Es un deber y un honor que nosotros no rehusaremos». Há uma outra frase de Che, com sabor testamentário que hoje os revolucionários hispano-americanos erguem como bandeira: «En culquier lugar que nos sorprenda la muerte, bienvenida sea, siempre que ése, nuestro grito de guerra, haya llegado hasta un oido receptivo, y otra mano se tienda para empuñar nuestras armas, y otros hombres se apresten a entonar los luctuosos cantos con tableteo de ametralladoras y nuevos gritos de guerra y de victoria». É honra criar novos centros de violência. A nova música inspiradora, «el tableteo de ametralladoras». Pois até um cura colombiano, o padre Camilo Torres (3 fev.º 1929-17 fev.º 1966), que é o Guevara com a metralhadora e a cruz de Cristo, fez guerrilha como honra e igual posição mental. Aquele amor ao próximo resolvia-se em tiros e mortes, em gritos de guerra, com perdas de vidas... A violência não se esconde só nas selvas e nas montanhas. Estala nas universidades e nos liceus. Rompe vidros e instituições. A juventude abraçou o estranho «amor» da violência...

Daí que mereça a pena, apesar de todas as circunstâncias, pensar um pouco sobre Gandhi e a sua personalidade ética. Sempre me interessei pela doutrina dos homens que amam a paz. Não esqueço que vivo num continente onde um invulgar filósofo da paz residiu por longas décadas. Um homem que vivia entre pretos leprosos e gazelas harmoniosas. Os bichos entravam-lhe pelo quarto adentro. Um homem que tantos anos viveu em África e não fez parte de nenhum criminoso safari. Um homem que viveu em Lambarené. Chamava-se simplesmente Albert Schweitzer. A sua filosofia chama-se amor à vida, respeito integral à vida humana e à natureza.

O homem comum logo pensará que Gandhi foi um apóstolo da não-violência porque era visceralmente um homem bom, um homem «en el buen sentido de la palabra, bueno», assim diria António Machado. Certo que as grandes atitudes vitais não são nada se não explicitarem o bom fundo, a cordialidade do berço, o instinto para o bem com que se nasce.

Gandhi foi um homem bom porque nasceu bom. Mas Gandhi foi o apóstolo da não-violência, porque, a meu ver, e segundo creio, aprendeu essa atitude em Tolstoi e em Thoreau. Nasceu com uma qualidade que a consciência anterior de outros sublime homens já haviam explorado, dramatizado e revelado. A doutrina da não-violência já existia formalizada pelos transcendentalistas norte-americanos e por Tolstoi; este, por sua vez, inspirado no valor máximo daqueles transcendentalistas, o pensador e artista Henry David Tohreau. É isto que vou procurar demonstrar e o artigo de «Selecções», não evidencia, podendo assim criar a falsa ideia de que Gandhi, além de apóstolo da não-violência, foi o seu idealizador... O homem que lê tem obrigação de dar o seu a seu dono. E a obrigação de revelar os estranhos processos como uma ideia lançada num século vai fortificar no solo de outro século. Afinal, a imagem verdadeira do universo encontra-se na Ideia e os fenómenos são apenas uma representação obscura dela.

Um grande mestre espanhol, exilado no México, o prof. Rubên Landa, que neste momento prepara uma antologia sobre o pedagogo Don Francisco Giner de los Ríos, escreveu, há anos, na revista «Ibérica» (New York, n.º 12, 15 de Dezembro 1965): «Gandhi, en su revista, que creo se llamaba *La Nueva India*, dijo que él aprendió la política de desobediencia civil del escritor norteamericano Thoreau, quien, al hacer los Estados Unidos la guerra de México el año 1846 declaró que él, a un gobierno que cometía uno injusticia tan grande como aquella, se negaba a pagarle los impuestos, y por elo fue encarcelado».

Thoreau (Concord, Mass. 1817-1862), de costela francesa, é um ianque cujo glorioso nome pertence à história da literatura norte-americana pela tripla função de poeta e prosador da natureza, com insuperáveis descrições de rios, árvores e campos, cheias de romantismo e virilidade (nem sempre o romantismo é viril), de ensaísta de intuições admiráveis e, como elemento totalizador, de pensador original e pregador em vida, com a sua própria vida, desse pensamento. O que escreveu, sentiu e viveu. Dizia que contemplar um pássaro nos prados de Concord era mais digno do que assistir à entrada dos aliados em Paris. Os animais e os índios eram melhores companheiros para ele do que os homens cultos, visto estarem mais próximo do coração da natureza. Se o seu contemporâneo Ralph Waldo Emerson (1803-1882) foi outro predicador do individualismo e da inconformidade, Thoreau além de predicador fez coincidir sua vida com a prédica. A inconformidade de Thoreau, filósofo do anarquismo radical, (o anarquismo não é a desordem, mas um amor a uma ordem diferente, a ordem humanista), espelha-se na sua vida: não casou, não esteve ligado a uma certa profissão, não frequentava uma certa igreja, não votava, não bebia vinho, não fumava, não pagava os impostos estaduais... E, todavia, a sua vida respira ordem e é exemplar. Franciscanismo e ascetismo. Humildade e grandeza. Tinha uma fé rousseauniana na vida e era céptico em relação ao progresso por o considerar anti-natural, assim o julga uma espanhola, Concha Zardoya, professora de literatura na Universidade de Tulane, New Orleans, La., nos U. S. A.

Há anos, li um livro de Thoreau, «Walden o mi vida entre bosques y lagunas», lançado na conhecida colecção Austral da Espasa-Calpe Argentina. É o relato puro de uma vida pura. A maior aproximação à Natureza ou ao homem consigo mesmo, porque, contra os escolásticos, penso que o homem é natureza. Depois caiu-me nas mãos o famoso livro de Thoreau, «Desobediencia Civil» (o título original, em inglês, é «On the duty of civil disobedience», mas apesar da clareza do título, a obra é agora mais conhecida por «Resistência ao Governo Civil») numa tradução chilena do escritor chileno Ernesto Montenegro. Quem lê este livro máximo, onde se prega a desobediência civil pela não-violência, tem que afirmar com Henry Seidel Canby, um dos biógrafos de Thoreau: «era um amigo das marmotas e um inimigo do Estado». Numa biografia de Thoreau, realizada por August Derleth (1962), lê-se o seguinte: «foi Thoreau um individualista extremo na vigorosa tradição ianque que repeliu todas as coações externas numa classe espiritual de anarquismo que fez dele a inspiração de quantos se rebelam contra as constantes pressões da nossa material civilização». Outro biógrafo declarou que Thoreau se tratava de «um indivíduo que passou a metade da sua vida numa cabana e a outra metade na cadeia». É naquele livro de Thoreau que vem a sua proposta que se tornou célebre: «se um milhar de homens não pagasse os impostos este ano, a medida não seria nem violenta nem sangrenta, como seria, pelo contrário, pagá-los e permitir que o Estado cometa actos e violência e derrame sangue inocente» (referia-se à guerra civil americana do abolicionismo da escravatura).

Pela referência de Rubén Landa, intelectual da maior honestidade, sabemos que o próprio Gandhi se reconheceu devedor a Thoreau. Leu a «Desobediência civil» e o resto veio por si.

Mas o novelista russo Tolstoi (1828-1910) foi outra influência sobre Gandhi. Tolstoi também leu a Thoreau como me certifico através de seu livro «La Gran Tragedia» (Ediciones Maucci, Barcelona, s. data) e por esta referência: «Thoreau refiere en su obra *Resistencia al Gobierno Civil* que se negó a satisfacer al gobierno de su país un dólar de impuesto, diciendo que no quería con su dódar tomar parte en las obras de un gobierno americano que autoriza la esclavitud de los negros».

Foi Tolstoi outro líder ético da não-violência, com sua doutrina da não resistência ao mal, em que se pode ver um clássico exemplo eterno na lição de Cristo dando a face não agredida ao seu agressor. Numa das melhores biografias de Tolstoi, que se deve ao universal mexicano, Jaime Torres Bodet, editada em 1965, lê-se: «A pesar de todo lo visto, y de todo lo oído, León Nicoláevich tenía la convicción de que nada podría lograrse por la violencia. Fiel a su doctrina de no resistencia al mal, consideraba con enojo, cuando no con desprecio, a los que pretendian hacer la revolución. Escribía cartas al Emperador, que éste no contestaba. (etc.)». Precisamente no final desta esplêndida biografia, escreve o mexicano, numa síntese do complexo carácter de Tolstoi, tanto mais fascinante por contraditório (como em Unamuno): «El, tan partidario de la castidad, tuvo trece hijos con Sonia. Nueve de ellos sobrevivieron. El tan artista, escribió contra el arte un libro colérico y virulento: injusto, por virulento, y, por colérico, ineficaz. El, tan violento, vivió aconsejando a los hombres y a los países la tolerancia. Su correspondência con Gandhi demuestra que los orientales supieron escucharlo. No ocurrió lo mismo con los políticos de Occidente... El, tan rebelde, se rehusó a oír hablar de revoluciones». É este o juízo definitivo do seu biógrafo mexicano, um homem que já esteve à frente dos destinos da UNESCO e já liderou a pasta da Educação do México.

Já não me recordo em que livro vi uma fotografia de Tolstoi, já de venerandas barbas brancas, ao pé de um Gandhi, muito frágil, moreno e jovem... O indiano terá também ido de romaria até à mansão senhorial de Yasnaia Poliana.

A Índia publicou o livro «Mahatma Gandi: 100 Years», editado pela Gandi Peace Foundation (New Delhi, 1968, 401 pgs.), um livro da homenagem oficial ao pai da independência indiana. Conheço a crítica a esse livro, lida na Rádio Nacional de Espanha pelo comentador E. Ramires Molina. Molina refere que colaboram no livro diversos escritores estrangeiros, além das principais figuras indianas (S. Radhakrishnan, Swami Ranganathananda, Indira Gandhi). Entre os estrangeiros figuram U Thant, Harold Wilson, Kiesinger, Arnold Toynbee, Lester Pearson, o Conde de Mountbatten, Hailé Selassié, o Cardeal Gracias, Karl Jaspers, Louis Fischer, Richard B. Gregg, e os Prémios Nobel padre Pire (recentemente falecido), Werner Heisenbarg e Mijail Sólokovh. Ranganathananda, monge da missão Ramakrishna, observa que Gandhi, com o seu amor à verdade total, não se filiou em nenhum partido político ou a qualquer seita e que Gandhi se define pelo seu serviço à verdade, à sua firmeza na verdade (ou *satyagraha*) e à consequente não-violência (ou *ahimsa*). Esse monge reproduz no seu estudo a ideia de Gandhi sobre democracia: «A minha ideia da democracia é que nela os mais débeis devem ter as mesmas oportunidades que os mais fortes, o que jamais ocorrerá, a não ser pela não-violência».

Um outro colaborador, Ramachandran, secretário da Fundação Gandhi, diz que o patrono dessa instituição foi um santo, um revolucionário, um político, um reformador, um economista, um homem de religião, um educador e um servidor da verdade (ou *satyagrahi)*. O grande filósofo alemão Karl Jaspers, que faleceu este ano, dá atenção à pureza de meios, aconselhada por Gandhi, e que Gandhi pôde ser revolucionário pela não-violência. Que este é o valor actual de Gandhi. Realmente, quando contemplamos um Che Guevara, um Camilo Torres, um Douglas Bravo, de metralhadora na mão, não podemos senão sentir a maior repugnância pelo processo. E apetece dizer: assim qualquer é revolucionário, basta ter uma metralhadora nas mãos!

Assim nascerão Bolívares como cogumelos. Será a inflacção de tantas «glórias». Mas o ser Bolívar é pertencer à ordem ética, é outra coisa.

Sobre a prosa que Indira Gandhi escreveu para o livro da homenagem nacional ao apóstolo da não-violência, faz Ramires Molina o seguinte comentário: «Indira Gandhi procura, em breves páginas, distinguir o legado do Mahatma, evidenciando que cada um tem interpretado a Gandhi de uma forma diferente; e sustenta que Gandhi não teve noção da política como arte do possível e renúncia do impossível. E se bem que admita que a família Nehru, e ela própria, devam a sua conversão e transformação a Gandhi, procura justificar que seu pai nem sempre pudesse secundar o ideal gandhiano, utópico a miúde. Papel importante do legado para a Chefe do Governo da Índia é o secularismo de Gandhi, que não significa nem irreligião, nem indiferença ante a religião, mas um igual respeito para todas as religiões, não uma mera tolerância perante elas. Ninguém pratica verdadeiramente a sua própria religião se não respeitar e reverenciar profundamente a religião dos demais, diz Indira Gandhi.

Eu digo, lembrando a Thoreau e a Tolstoi, que Gandhi não tem muitas explicações e só tem uma: foi um anarquista filosófico e portanto um homem que desagrada a todos os políticos profissionais. Foi sempre o apóstolo da não-violência. Claro que desagrada a Indira Gandhi a nódoa da tomada violenta e cruel da Índia Portuguesa e que flagela a memória de seu pai, desta forma um infiel da doutrina de Gandhi, um sabotador da «revolução sem violência». E daí que, hipòcritamente, para justificar o pai, não tenha o pudor, numa homenagem nacional, de dizer que Gandhi não teve a noção de política como arte do possível e de renúncia ao impossível. É que, Indira Gandhi, não observa, afinal, pertencer Mahatma Gandhi à rara escala de homens que desprezam a politiquice e veneram a arte de viver e conviver entre os homens, que é isto em que se define política com maiúscula. Restringir a Gandhi é não o compreender... ou, então, é compreendê-lo demasiado bem para justificar remorsos, paradoxos, espectros familiares sanguinolentos e que, na calma das noites, também se erguem de metralhadoras nas mãos.

Lourenço Marques, Moçambique
7 de Novembro de 1969

Joaquim de Montezuma de Carvalho

Ministério da Economia

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção - Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, Engenheiro-Chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faço saber que *CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO*, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de «Thick-fuel-oil», com a capacidade aproximada de 5 000 litros, sita no lugar, freguesia, concelho e distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação sita na Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 22 de Outubro de 1969

O Engenheiro-Chefe da Delegação,
Artur Mesquita

Litoral — Ano XVI — 15-11-1969 — N.º 784

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

GRAVÍSSIMO ACIDENTE DE VIAÇÃO

A trágica notícia logo correu pela cidade: em brutal acidente da estrada, perderam a vida o médico-veterinário Dr. José da Cruz Martins e António Valente de Almeida Cirne, aquele intendente e este funcionário da Pecuária de Aveiro; ficou muito ferida a sr.ª D. Beatriz Prado e Castro, sogra do sr. Dr. Cruz Martins.

Pouco depois das 19 horas de anteontem, na curva do Silveiro, concelho de Oliveira do Bairro, o automóvel em que seguiam as vítimas, com a matrícula CL-52-98, do Estado, sofreu violenta colisão com o auto-pesado DF-75-45, conduzido pelo motorista Augusto Alexandre Ferreira, casado, de 28 anos, residente em Centro das Mesas, Alferrarede. O veículo da Intendência foi projectado, voltando-se na posição oposta à sua marcha. Imediatamente acorreram populares, que conduziram os sinistrados ao Hospital da Misericórdia de Oliveira do Bairro, a pouco mais de dois quilómetros; mas, não obstante a presteza dos socorros, o médico de serviço, sr. Dr. Mateus da Costa Neves, verificou dois óbitos, para logo acudir à senhora, muito lesionada.

Os srs. Dr. Cruz Martins e Almeida Cirne vinham duma missão de serviço na Mealhada.

O funesto acontecimento causou na cidade viva emoção: as vítimas eram aqui muito conhecidas e estimadas, pelo seu aprumo e competência profissionais, pelo seu carácter e trato comunicativo.

O sr. Dr. José da Cruz Martins, que contava 56 anos de idade, deixa viúva a proprietária e directora da Farmácia Saúde, sr.ª Dr.ª Maria Helena Prado e Castro Martins; o sr. António Valente de Almeida Cirne, também casado, nascera em Estarreja há 68 anos. Ambos se radicaram em Aveiro há muitíssimo tempo.

Lastimamos profundamente a trágica ocorrência; e, apresentando às famílias em dor os nossos sentidíssimos pêsames, formulamos ardentes votos pelo restabelecimento da sr.ª D. Beatriz Prado e Castro.

COMPLETOU ONTEM CENTO E UM ANOS

A sr.ª D. Maria dos Prazeres da Maia Moura Frade nasceu há 101 anos, que ontem, 14, rigorosamente se completaram.

Vive feliz, na companhia de seu marido, o professor aposentado sr. João de Oliveira Frade, e de sua dedicada filha, sr.ª D. Maria Isabel Frade Moura.

Reside a veneranda velhinha, há muitos anos já, nesta cidade de Aveiro; e é irmã do nosso distinto colaborador Dr. Frederico de Moura.

A família em festa, os nossos parabéns.

CÂNDIDO TELES

Na última segunda-feira, esteve em Aveiro, acompanhado de sua distinta esposa, o consagrado pintor ilhavense e Tenente-Coronel do Estado Maior Cândido Teles, nosso bom amigo.

Tivemos o prazer de o abraçar; e de saber que, em fins do mês corrente, Ílhavo terá o ensejo de ver, nas salas do prestigioso *Illiabum*, alguns dos mais recentes trabalhos do artista, particularmente monotipias das que foram expostas, em Maio último, na Bienal de Madrid, onde Cândido Teles alcançou, como aqui noticiámos, assinaláveis êxitos.

Também em Aveiro exporá, em breve, e uma vez mais, quadros da sua autoria: será festival de luz e cor desta sua e nossa laguna, que o artista sempre traz nos olhos e tão proficientemente sabe reproduzir na tábua e na tela.

NOVO PRÉMIO PARA VASCO BRANCO

Nas X Jornadas Mundiais do Filme de 8 milímetros, recentemente realizadas em Paris, o distinto cineasta aveirense Dr. Vasco Branco alcançou o «Prémio Scenario», com a sua película «Rajada».

Registamos este novo êxito, com os nossos parabéns a Vasco Branco, bom amigo e colaborador do *Litoral*.

NOVO AGENTE DO BANCO DE PORTUGAL

Foi nomeado Adjunto do Inspector-Chefe do Banco de Portugal o sr. José Francisco de Montes Palma, que, nos últimos cinco anos, desempenhou as funções de Agente em Aveiro daquele estabelecimento bancário, com muito aprumo e competência.

Para ocupar a sua vaga, foi nomeado o sr. Egas Moniz Mário dos Santos, que desempenhava idênticas funções em Portimão.

PELO GRÉMIO DO COMÉRCIO

Do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro recebemos o seguinte comunicado:

● Na reunião do Conselho Geral deste Grémio, realizada no passado dia 31, foi, por proposta do Presidente da Mesa, aprovado um voto de congratulações pela eleição do Senhor Carlos Marques Mendes, Presidente desta Direcção, para os lugares de Procurador à Câmara Corporativa e Membro do Conselho da Secção Nacional do Comércio Retalhista Misto dentro da Corporação do Comércio, até porque, como afirmou, atendendo às suas eficientes qualidades de infatigável trabalhador, muito se espera da sua dinâmica acção dentro da Câmara Corporativa, em defesa dos graves problemas por que atravessa o Comércio Retalhista Misto.

● A fim de tomar posse do cargo de Membro do Conselho da Secção Nacional do Comércio Retalhista Misto na Corporação do Comércio, deslocou-se a Lisboa, no passado dia 7, o Senhor Carlos Marques Mendes, Presidente da Direcção deste Grémio do Comércio.

A próxima reunião desta Secção está já marcada para o dia 27 do corrente mês.

● Em reunião realizada na sede deste Grémio do Comércio, estando presentes a sua Direcção e as Comissões de Rua para as Iluminações do Natal, foi resolvido iluminarem-se as seguintes Ruas, durante as noites de 8 de Dezembro a 6 de Janeiro: Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, Rua José Estêvão, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Coimbra e Praça Eng.º Frederico Ulrich.

REUNIÃO DE PRELADOS

Com o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, com quem participaram na constituição da Comissão Episcopal do Clero, estiveram reunidos nesta cidade os srs. D. Agostinho de Moura, Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Frei Francisco Rendeiro, Bispo-Conde de Coimbra, e D. Alberto Costa Amaral, Bispo-Auxiliar de Coimbra.

FALECERAM:

D. MARGARIDA ALMEIDA DOS SANTOS

Com a provecta idade de 90 anos, faleceu, pelas 7 horas da tarde do último sábado, a sr.ª D. Margarida Almeida dos Santos, que adoeceu há dois meses. Viria a finar-se nesta cidade, em casa de seu filho sr. David Martins dos Santos Melo, marido da sr.ª D. Rosa Rodrigues Ventura Melo, sócia da prestigiada empresa local Paula Dias & Filhos.

Era viúva a veneranda senhora, muito estimada e respeitada por suas virtudes e qualidades.

Natural da freguesia de S. João de Loure, para ali foi conduzido o seu corpo no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, em Aveiro.

Filhos da saudosa extinta eram, ainda, os srs. Arménio e Alberto dos Santos Melo.

AUGUSTO CASIMIRO DIAS DE FIGUEIREDO

Na manhã do pretérito domingo, 9, faleceu na sua residência, no próximo lugar de Solões de Vilar, o sr. Augusto Casimiro Dias de Figueiredo.

Figura típica da cidade, o «A-Rasca» — assim era conhecido e tratado o extinto, que com tal se não molestava — foi combatente da Grande Guerra.

Com uma pequena reforma e com seus préstimos ocasionais, de que auferia algumas justas gratificações, vivia com decência e dignidade, porque era homem tão digno como simples.

Um ataque, de que fora acometido há um mês, viria finalmente a vitimá-lo.

Era viúvo; pai da sr.ª D. Perpétua Casimiro de Jesus Figueiredo, casada com o funcionário da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, sr. José Ferreira da Silva; e avô do sr. João Casimiro Ferreira da Silva.

O funeral realizou-se no dia seguinte, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, onde o extinto, em tempos, desempenhou funções de sacristão, para o Cemitério Sul.

FERNÃO BORGES DE CARVALHO

Acometido de insulto cerebral, já há tempos, viria a falecer, pelas 10 horas de segunda-feira última, o sr. Fernão Borges de Carvalho, funcionário, aposentado, dos CTT.

O saudoso extinto, que foi servidor zeloso, carácter íntegro e, por isso, estimado de quantos o conheciam, contava 79 anos de idade.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Albina da Silva Carvalho; era pai da sr.ª D. Maria Regina da Silva Carvalho das Neves e dos srs. Elísio e Jaime Pinheiro de Carvalho; e sogro do sr. Luís Pinho das Neves Leitão.

O funeral realizou-se no dia imediato da igreja de Santo António para o Cemitério Sul, após missa de corpo-presente.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

cartões de visita

CASAMENTO

No domingo, 9, realizou-se o casamento da sr.ª D. Orquídea Maria Dinis da Silva Ribeiro Delfim, filha da sr.ª D. Maria Gonçalves Dinis, e do sr. José da Silva Ribeiro, com o sr. Valdemar Teixeira Delfim, filho da sr.ª D. Maria Cristina Teixeira e do sr. Artur de Jesus Delfim.

A cerimónia religiosa teve lugar no templo evangélico da Rua do Eng.º Oudinot, sendo celebrante o Rev.º Pastor Ireneu Cunha, que, no momento próprio, dirigiu aos noivos sentidas e expressivas palavras.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maximina de Jesus e o sr. Manuel Rangel; e, pelo noivo, a sr.ª D. Rosa Júlia Bárbara Gonçalves e o sr. Luís Augusto Gonçalves.

Depois do acto religioso, os noivos e os seus numerosos convidados reuniram-se num almoço, no Hotel Imperial. Aos brindes, diversos convivas saudaram o novo lar.

PORTUGAL HISTÓRICO CULTURAL

Continuação da primeira página

servilismo arma repugnante hàbilmente manejada para atingirem pérfidos anseios de conquista.

Hoje, ao falar de uma carta de gratidão e respeito que enviei a um ilustre homem de Letras, carta que mais adiante será transcrita na íntegra, vou tentar provar que ouvi Confúcio mais uma vez, e que lhe absorvi, na medida das minhas possibilidades, os seus conselhos. A carta foi dirigida a Hernâni Cidade, que durante várias épocas no Brasil, terra que muito admira, tem espalhado o nome de Portugal, tornando-se desta forma uma venerada figura de português.

Hernâni Cidade, conhecido homem de Letras, por lá tem feito conferências e pronunciado brilhantes lições, contribuindo, desta forma, para o aumento da riqueza intelectual dos povos de língua portuguesa, estimulando-lhes o gosto pela cultura geral, pelas coisas do espírito que modelam o ser humano e o transformam num ser bem diferente daquele que caracteriza o simples «ganha pão» como dizia, sem sentido pejorativo, o nosso liberal Garrett.

Que me perdoe o Primo amigo tanto atrevimento da minha parte que, por certo, irá ferir a sua indiscutível modéstia; mas a minha gratidão pela oferta do seu magnífico livro «Portugal Histórico Cultural», livro que nasceu e cresceu em S. Salvador da Baía, onde o ilustre Professor Catedrático falou perante a Academia de Letras, não merecia outra atitude da minha parte, que penso não será mal interpretada, pois apenas procuro exaltar uma notável obra e divulgá-la entre mundos que não sòmente o dos eruditos, dos amantes ou profissionais das letras.

Eis aqui a carta na íntegra:

Meu caro Primo

Acabo de ler um maravilhoso livro «Portugal Histórico Cultural» que por todas as razões lhe recomendo. O seu autor, o Professor Hernâni Cidade, figura muito conhecida de Catedrático e Homem de Letras, tão bem soube imprimir a toda a descrição, quer das épocas, quer dos homens que nelas viveram, o sopro de um compreensível amor à sua Pátria e à Humanidade que dela beneficiou, que se fica imediatamente com uma ideia retida na nossa mente — a grande força impulsionadora das obras benéficas, das obras válidas, das obras construtivas no mundo, é indiscutìvelmente o amor, esse amor que Hernâni Cidade pôs em Portugal e nos seus homens, aproveitando, para nos deliciar, a boa faceta que cada um continha e, por vezes, a má, sempre explicada como benéfico atributo da humana condição.

A leitura deste valioso livro leva-nos à certeza de que Portugal só poderá ser grande, se grandes continuarem a ser os seus filhos na riqueza interior que será necessário transmitir-lhes.

O amor que se sente em todas as linhas e entrelinhas, amor que se sente e se apalpa no «Portugal Histórico Cultural», leva-nos a uma ternura incontida pelo Portugal da Idade Média, pelo Portugal de Quinhentos, pelo Portugal da Época Barroca, pelo Portugal Iluminista e Pré-Romântico, pelo Portugal Romântico, pelo Portugal Contemporâneo, resumido nas principais figuras históricas e literárias que lhe deram indiscutível vulto e benéfica projecção.

Teria, no entanto, todo este admirável Portugal aparecido aos nossos olhos com tanta compreensão e respeito, se dele nos falasse outra figura que não um Hernâni Cidade? Suponho que não.

Eu prefiro, como disse há bem pouco tempo João de Araújo Correia, um romântico verdadeiro a um realista falso, realista que muitas vezes, por ter uma alma perturbada, mais devemos analisar pela faceta que o levou a escrever, do que pròpriamente pelo que escreveu.

O Professor Hernâni Cidade, romântico por natureza, oferece-nos um monumento literário de prosa poética que delicia e encanta. Se outro exemplo não nos fosse possível dar, bastava copiar umas frases como estas dirigidas ao desconhecido poeta Bocage para disso termos a certeza.

......................«Na verdade gasta ou eliminada pela doença a ganga do orgulho — orgulho capaz de desprezos injustos e despeitos vingativos — reluzia puro o oiro da bondade generosa, expandia-lhe livre o seu anseio de humana simpatia. Reconciliando-se com os inimigos, consigo próprio se reconciliava — Já Bocage não sou!... Era morto aquele Bocage que as circunstâncias, agravando a sua intrínseca fraqueza de vontade, tinham deformado, e ressurgia o Bocage essencial, aquele em que, poderíamos dizer, persistia a dedada do Divino Criador — o que vive nos voos altos do seu génio poético, no seu anseio de altura moral, na sua demanda de beleza heróica, no seu respeito pelos deveres familiares, na sua generosidade fraterna, nos seus apelos para Deus»......................

O «Portugal Histórico Cultural», como disse uma conhecida professora do liceu, cuja opinião merece o maior respeito —

— fica bem em qualquer mão...

Portanto, Primo, peço-lhe, por favor, caso encontre o Professor Hernâni Cidade, esse homem que já hoje não pertence a si mas aos outros que o não deixam, que lhe alienaram o tempo todo gasto em proveito do próximo, peço-lhe, repito, que lhe dê, em meu nome, um grande abraço de parabéns pela obra que me ofereceu e que me proporcionou românticos momentos de prazer espiritual.

Bem haja, Primo. Para si, aqui vai também um outro abraço e a sincera e profunda amizade do

AUGUSTO BARATA DA ROCHA

DESPORTOS

Corpos Gerentes da A. F. A.

Continuação da última página

recção da A. F. de Aveiro (que cumprimentou e agradeceu a presença honrosa do sr. Dr. Armando Rocha) e o Director-Geral dos Desportos.

Os novos dirigentes são os seguintes:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente — Dr. António Nunes Neves. Vice-Presidente — Dr. Artur Alves Moreira. Secretário — Ricardo das Neves Limas e António Leopoldo Rebocho de Albuquerque Christo.

DIRECÇÃO — Presidente — Eng.º Carlos Soares Pinto Rodrigues. Vice-Presidentes — António de Oliveira Figueiredo e Carlos Manuel Gamelas. Tesoureiro — Prof. José Valente de Pinho Leão. Vogais — António Ferreira da Costa, João Rodrigues da Silva e Décio Ala Cerqueira.

CONSELHO JURISDICIONAL — Dr. David Cristo, Dr. Diogo Manuel Vaz de Oliveira, Dr. Fernando Raimundo Rodrigues, e Dr. Odilon António Lopes Amado.

CONSELHO DE CONTAS — José Duarte Gonçalves da Silva, Euclides Sousa Marques, Alberto Fernando Baptista de Pinho, Edmundo Pinto Ferreira e António Lamoso Regal de Castro.

CONSELHO TÉCNICO — Manuel Alves Moreira da Costa, Manuel Fernandes da Silva, Júlio César da Cruz, José Augusto da Silva e José da Silva Freire.

★ PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 12 DO «TOTOBOLA»

23 de Novembro de 1969

N.º	EQUIPAS	1	x	2
1	Barreirense — Porto		x	
2	U. Tomar — Varzim			2
3	V. Setúbal — Benfica	1		
4	Braga — Guimarães	1		
5	Boavista — Académica			2
6	Leixões — C. U. F.	1		
7	Beira-Mar — Tirsense	1		
8	Gouveia — Sanjoanense		x	
9	Vizela — Famalicão		x	
10	Salgueiros — T. Novas	1		
11	Farense — Portimonen-	1		
12	Torriense — Oriental	1		
13	Lusitano — Sesimbra	1		

Brandão, Gonçalves & Ferreira, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Outubro de 1969, inserta de fls. 34 a 36 do livro próprio B-N.º 71 deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Mário da Silva Lourenço & Companhia Limitada», com sede em Aveiro, procederam aos seguintes actos:

a) — Mário da Silva Lourenço e Dr. Mário António Ramos Lourenço, cederam à mencionada Sociedade «Mário da Silva Lourenço & Companhia, Limitada» a quota de 250 contos que cada um deles nela tinha, deixando assim de fazer parte da sociedade.

b) — Que os actuais sócios alteraram os artigos primeiro e quarto do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a firma «Brandão, Gonçalves & Ferreira, Limitada», tem a sede e estabelecimento na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, número trezentos e trinta e trezentos e trinta-A, freguesia da Vera-Cruz, em Aveiro, durará por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir da data da sua constituição.

Artigo Quarto — A Gerência, dispensada de caução, remunerada conforme for deliberado em Assembleia Geral, incumbe a todos os sócios.

A sociedade só ficará obrigada com a assinatura de qualquer deles nos actos de mero expediente.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida, além ou em contrário do que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 7 de Novembro de 1969

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XVI — 15-11-1969 — N.º 784

AGRADECIMENTOS

Conceição da Rocha Soares

A sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta.

Luciana Rosa Andias

A sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

GRAVÍSSIMO ACIDENTE DE VIAÇÃO

A trágica notícia logo correu pela cidade: em brutal acidente da estrada, perderam a vida o médico-veterinário Dr. José da Cruz Martins e António Valente de Almeida Cirne, aquele intendente e este funcionário da Pecuária de Aveiro; ficou muito ferida a sr.ª D. Beatriz Prado e Castro, sogra do sr. Dr. Cruz Martins.

Pouco depois das 19 horas de anteontem, na curva do Silveiro, concelho de Oliveira do Bairro, o automóvel em que seguiam as vítimas, com a matrícula CL-52-98, do Estado, sofreu violenta colisão com o auto-pesado DF-75-45, conduzido pelo motorista Augusto Alexandre Ferreira, casado, de 28 anos, residente em Centro das Mesas, Alferrarede. O veículo da Intendência foi projectado, voltando-se na posição oposta à sua marcha. Imediatamente acorreram populares, que conduziram os sinistrados ao Hospital da Misericórdia de Oliveira do Bairro, a pouco mais de dois quilómetros; mas, não obstante a presteza dos socorros, o médico de serviço, sr. Dr. Mateus da Costa Neves, verificou dois óbitos, para logo acudir à senhora, muito lesionada.

Os srs. Dr. Cruz Martins e Almeida Cirne vinham duma missão de serviço na Mealhada.

O funesto acontecimento causou na cidade viva emoção: as vítimas eram aqui muito conhecidas e estimadas, pelo seu aprumo e competência profissionais, pelo seu carácter e trato comunicativo.

O sr. Dr. José da Cruz Martins, que contava 56 anos de idade, deixa viúva a proprietária e directora da Farmácia Saúde, sr.ª Dr.ª Maria Helena Prado e Castro Martins; o sr. António Valente de Almeida Cirne, também casado, nascera em Estarreja há 68 anos. Ambos se radicaram em Aveiro há muitíssimo tempo.

Lastimamos profundamente a trágica ocorrência; e, apresentando às famílias em dor os nossos sentidíssimos pêsames, formulamos ardentes votos pelo restabelecimento da sr.ª D. Beatriz Prado e Castro.

COMPLETOU ONTEM CENTO E UM ANOS

A sr.ª D. Maria dos Prazeres da Maia Moura Frade nasceu há 101 anos, que ontem, 14, rigorosamente se completaram.

Vive feliz, na companhia de seu marido, o professor aposentado sr. João de Oliveira Frade, e de sua dedicada filha, sr.ª D. Maria Isabel Frade Moura.

Reside a veneranda velhinha, há muitos anos já, nesta cidade de Aveiro; e é irmã do nosso distinto colaborador Dr. Frederico de Moura.

A família em festa, os nossos parabéns.

CÂNDIDO TELES

Na última segunda-feira, esteve em Aveiro, acompanhado de sua distinta esposa, o consagrado pintor ilhavense e Tenente-Coronel do Estado Maior Cândido Teles, nosso bom amigo.

Tivemos o prazer de o abraçar; e de saber que, em fins do mês corrente, Ílhavo terá o ensejo de ver, nas salas do prestigioso *Illiabum*, alguns dos mais recentes trabalhos do artista, particularmente monotipias das que foram expostas, em Maio último, na Bienal de Madrid, onde Cândido Teles alcançou, como aqui noticiámos, assinaláveis êxitos.

Também em Aveiro exporá, em breve, e uma vez mais, quadros da sua autoria: será festival de luz e cor desta sua e nossa laguna, que o artista sempre traz nos olhos e tão proficientemente sabe reproduzir na tábua e na tela.

NOVO PRÉMIO PARA VASCO BRANCO

Nas X Jornadas Mundiais do Filme de 8 milímetros, recentemente realizadas em Paris, o distinto cineasta aveirense Dr. Vasco Branco alcançou o «Prémio Scenario», com a sua película «Rajada».

Registamos este novo êxito, com os nossos parabéns a Vasco Branco, bom amigo e colaborador do *Litoral*.

NOVO AGENTE DO BANCO DE PORTUGAL

Foi nomeado Adjunto do Inspector-Chefe do Banco de Portugal o sr. José Francisco de Montes Palma, que, nos últimos cinco anos, desempenhou as funções de Agente em Aveiro daquele estabelecimento bancário, com muito aprumo e competência.

Para ocupar a sua vaga, foi nomeado o sr. Egas Moniz Mário dos Santos, que desempenhava idênticas funções em Portimão.

PELO GRÉMIO DO COMÉRCIO

Do Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro recebemos o seguinte comunicado:

● Na reunião do Conselho Geral deste Grémio, realizada no passado dia 31, foi, por proposta do Presidente da Mesa, aprovado um voto de congratulações pela eleição do Senhor Carlos Marques Mendes, Presidente desta Direcção, para os lugares de Procurador à Câmara Corporativa e Membro do Conselho da Secção Nacional do Comércio Retalhista Misto dentro da Corporação do Comércio, até porque, como afirmou, atendendo às suas eficientes qualidades de infatigável trabalhador, muito se espera da sua dinâmica acção dentro da Câmara Corporativa, em defesa dos graves problemas por que atravessa o Comércio Retalhista Misto.

● A fim de tomar posse do cargo de Membro do Conselho da Secção Nacional do Comércio Retalhista Misto na Corporação do Comércio, deslocou-se a Lisboa, no passado dia 7, o Senhor Carlos Marques Mendes, Presidente da Direcção deste Grémio do Comércio.

A próxima reunião desta Secção está já marcada para o dia 27 do corrente mês.

● Em reunião realizada na sede deste Grémio do Comércio, estando presentes a sua Direcção e as Comissões de Rua para as Iluminações do Natal, foi resolvido iluminarem-se as seguintes Ruas, durante as noites de 8 de Dezembro a 6 de Janeiro: Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, Rua José Estêvão, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Coimbra e Praça Eng.º Frederico Ulrich.

REUNIÃO DE PRELADOS

Com o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, com quem participaram na constituição da Comissão Episcopal do Clero, estiveram reunidos nesta cidade os srs. D. Agostinho de Moura, Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Frei Francisco Rendeiro, Bispo-Conde de Coimbra, e D. Alberto Costa Amaral, Bispo-Auxiliar de Coimbra.

FALECERAM:

D. MARGARIDA ALMEIDA DOS SANTOS

Com a provecta idade de 90 anos, faleceu, pelas 7 horas da tarde do último sábado, a sr.ª D. Margarida Almeida dos Santos, que adoeceu há dois meses. Viria a finar-se nesta cidade, em casa de seu filho sr. David Martins dos Santos Melo, marido da sr.ª D. Rosa Rodrigues Ventura Melo, sócia da prestigiada empresa local Paula Dias & Filhos.

Era viúva a veneranda senhora, muito estimada e respeitada por suas virtudes e qualidades.

Natural da freguesia de S. João de Loure, para ali foi conduzido o seu corpo no dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja de Santo António, em Aveiro.

Filhos da saudosa extinta eram, ainda, os srs. Arménio e Alberto dos Santos Melo.

AUGUSTO CASIMIRO DIAS DE FIGUEIREDO

Na manhã do pretérito domingo, 9, faleceu na sua residência, no próximo lugar de Solões de Vilar, o sr. Augusto Casimiro Dias de Figueiredo.

Figura típica da cidade, o «A-Rasca» — assim era conhecido e tratado o extinto, que com tal se não molestava — foi combatente da Grande Guerra.

Com uma pequena reforma e com seus préstimos ocasionais, de que auferia algumas justas gratificações, vivia com decência e dignidade, porque era homem tão digno como simples.

Um ataque, de que fora acometido há um mês, viria finalmente a vitimá-lo.

Era viúvo; pai da sr.ª D. Perpétua Casimiro de Jesus Figueiredo, casada com o funcionário da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, sr. José Ferreira da Silva; e avô do sr. João Casimiro Ferreira da Silva.

O funeral realizou-se no dia seguinte, após missa de corpo-presente na igreja da Misericórdia, onde o extinto, em tempos, desempenhou funções de sacristão, para o Cemitério Sul.

FERNÃO BORGES DE CARVALHO

Acometido de insulto cerebral, já há tempos, viria a falecer, pelas 10 horas de segunda-feira última, o sr. Fernão Borges de Carvalho, funcionário, aposentado, dos CTT.

O saudoso extinto, que foi servidor zeloso, carácter íntegro e, por isso, estimado de quantos o conheciam, contava 79 anos de idade.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Albina da Silva Carvalho; era pai da sr.ª D. Maria Regina da Silva Carvalho das Neves e dos srs. Elísio e Jaime Pinheiro de Carvalho; e sogro do sr. Luís Pinho das Neves Leitão.

O funeral realizou-se no dia imediato da igreja de Santo António para o Cemitério Sul, após missa de corpo-presente.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

cartões de visita

CASAMENTO

No domingo, 9, realizou-se o casamento da sr.ª D. Orquídea Maria Dinis da Silva Ribeiro Delfim, filha da sr.ª D. Maria Gonçalves Dinis, e do sr. José da Silva Ribeiro, com o sr. Valdemar Teixeira Delfim, filho da sr.ª D. Maria Cristina Teixeira e do sr. Artur de Jesus Delfim.

A cerimónia religiosa teve lugar no templo evangélico da Rua do Eng.º Oudinot, sendo celebrante o Rev.º Pastor Ireneu Cunha, que, no momento próprio, dirigiu aos noivos sentidas e expressivas palavras.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maximina de Jesus e o sr. Manuel Rangel; e, pelo noivo, a sr.ª D. Rosa Júlia Bárbara Gonçalves e o sr. Luís Augusto Gonçalves.

Depois do acto religioso, os noivos e os seus numerosos convidados reuniram-se num almoço, no Hotel Imperial. Aos brindes, diversos convivas saudaram o novo lar.

PORTUGAL HISTÓRICO CULTURAL

Continuação da primeira página

servilismo arma repugnante hàbilmente manejada para atingirem pérfidos anseios de conquista.

Hoje, ao falar de uma carta de gratidão e respeito que enviei a um ilustre homem de Letras, carta que mais adiante será transcrita na íntegra, vou tentar provar que ouvi Confúcio mais uma vez, e que lhe absorvi, na medida das minhas possibilidades, os seus conselhos. A carta foi dirigida a Hernâni Cidade, que durante várias épocas no Brasil, terra que muito admira, tem espalhado o nome de Portugal, tornando-se desta forma uma venerada figura de português.

Hernâni Cidade, conhecido homem de Letras, por lá tem feito conferências e pronunciado brilhantes lições, contribuindo, desta forma, para o aumento da riqueza intelectual dos povos de língua portuguesa, estimulando-lhes o gosto pela cultura geral, pelas coisas do espírito que modelam o ser humano e o transformam num ser bem diferente daquele que caracteriza o simples «ganha pão» como dizia, sem sentido pejorativo, o nosso liberal Garrett.

Que me perdoe o Primo amigo tanto atrevimento da minha parte que, por certo, irá ferir a sua indiscutível modéstia; mas a minha gratidão pela oferta do seu magnífico livro «Portugal Histórico Cultural», livro que nasceu e cresceu em S. Salvador da Baía, onde o ilustre Professor Catedrático falou perante a Academia de Letras, não merecia outra atitude da minha parte, que penso não será mal interpretada, pois apenas procuro exaltar uma notável obra e divulgá-la entre mundos que não sòmente o dos eruditos, dos amantes ou profissionais das letras.

Eis aqui a carta na íntegra:

Meu caro Primo

Acabo de ler um maravilhoso livro «Portugal Histórico Cultural» que por todas as razões lhe recomendo. O seu autor, o Professor Hernâni Cidade, figura muito conhecida de Catedrático e Homem de Letras, tão bem soube imprimir a toda a descrição, quer das épocas, quer dos homens que nelas viveram, o sopro de um compreensível amor à sua Pátria e à Humanidade que dela beneficiou, que se fica imediatamente com uma ideia retida na nossa mente — a grande força impulsionadora das obras benéficas, das obras válidas, das obras construtivas no mundo, é indiscutìvelmente o amor, esse amor que Hernâni Cidade pôs em Portugal e nos seus homens, aproveitando, para nos deliciar, a boa faceta que cada um continha e, por vezes, a má, sempre explicada como benéfico atributo da humana condição.

A leitura deste valioso livro leva-nos à certeza de que Portugal só poderá ser grande, se grandes continuarem a ser os seus filhos na riqueza interior que será necessário transmitir-lhes.

O amor que se sente em todas as linhas e entrelinhas, amor que se sente e se apalpa no «Portugal Histórico Cultural», leva-nos a uma ternura incontida pelo Portugal da Idade Média, pelo Portugal de Quinhentos, pelo Portugal da Época Barroca, pelo Portugal Iluminista e Pré-Romântico, pelo Portugal Romântico, pelo Portugal Contemporâneo, resumido nas principais figuras históricas e literárias que lhe deram indiscutível vulto e benéfica projecção.

Teria, no entanto, todo este admirável Portugal aparecido aos nossos olhos com tanta compreensão e respeito, se dele nos falasse outra figura que não um Hernâni Cidade ? Suponho que não.

Eu prefiro, como disse há bem pouco tempo João de Araújo Correia, um romântico verdadeiro a um realista falso, realista que muitas vezes, por ter uma alma perturbada, mais devemos analisar pela faceta que o levou a escrever, do que pròpriamente pelo que escreveu .

O Professor Hernâni Cidade, romântico por natureza, oferece-nos um monumento literário de prosa poética que delicia e encanta. Se outro exemplo não nos fosse possível dar, bastava copiar umas frases como estas dirigidas ao desconhecido poeta Bocage para disso termos a certeza.

......................«Na verdade gasta ou eliminada pela doença a ganga do orgulho — orgulho capaz de desprezos injustos e despeitos vingativos — reluzia puro o oiro da bondade generosa, expandia-lhe livre o seu anseio de humana simpatia. Reconciliando-se com os inimigos, consigo próprio se reconciliava — Já Bocage não sou!... Era morto aquele Bocage que as circunstâncias, agravando a sua intrínseca fraqueza de vontade, tinham deformado, e ressurgia o Bocage essencial, aquele em que, poderíamos dizer, persistia a dedada do Divino Criador — o que vive nos voos altos do seu génio poético, no seu anseio de altura moral, na sua demanda de beleza heróica, no seu respeito pelos deveres familiares, na sua generosidade fraterna, nos seus apelos para Deus»......................

O «Portugal Histórico Cultural», como disse uma conhecida professora do liceu, cuja opinião merece o maior respeito —

— fica bem em qualquer mão...

Portanto, Primo, peço-lhe, por favor, caso encontre o Professor Hernâni Cidade, esse homem que já hoje não pertence a si mas aos outros que o não deixam, que lhe alienaram o tempo todo gasto em proveito do próximo, peço-lhe, repito, que lhe dê, em meu nome, um grande abraço de parabéns pela obra que me ofereceu e que me proporcionou românticos momentos de prazer espiritual.

Bem haja, Primo. Para si, aqui vai também um outro abraço e a sincera e profunda amizade do

AUGUSTO BARATA DA ROCHA

DESPORTOS

Corpos Gerentes da A. F. A.

Continuação da última página

recção da A. F. de Aveiro (que cumprimentou e agradeceu a presença honrosa do sr. Dr. Armando Rocha) e o Director-Geral dos Desportos.

Os novos dirigentes são os seguintes:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente — Dr. António Nunes Neves. Vice-Presidente — Dr. Artur Alves Moreira. Secretário — Ricardo das Neves Limas e António Leopoldo Rebocho de Albuquerque Christo.

DIRECÇÃO — Presidente — Eng.º Carlos Soares Pinto Rodrigues. Vice-Presidentes — António de Oliveira Figueiredo e Carlos Manuel Gamelas. Tesoureiro — Prof. José Valente de Pinho Leão. Vogais — António Ferreira da Costa, João Rodrigues da Silva e Décio Ala Cerqueira.

CONSELHO JURISDICIONAL — Dr. David Cristo, Dr. Diogo Manuel Vaz de Oliveira, Dr. Fernando Raimundo Rodrigues, e Dr. Odilon António Lopes Amado.

CONSELHO DE CONTAS — José Duarte Gonçalves da Silva, Euclides Sousa Marques, Alberto Fernando Baptista de Pinho, Edmundo Pinto Ferreira e António Lamoso Regal de Castro.

CONSELHO TÉCNICO — Manuel Alves Moreira da Costa, Manuel Fernandes da Silva, Júlio César da Cruz, José Augusto da Silva e José da Silva Freire.

★ PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 12 DO «TOTOBOLA»

23 de Novembro de 1969

N.º	EQUIPAS	1	x	2
1	Barreirense — Porto		x	
2	U. Tomar — Varzim			2
3	V. Setúbal — Benfica	1		
4	Braga — Guimarães	1		
5	Boavista — Académica			2
6	Leixões — C. U. F.	1		
7	Beira-Mar — Tirsense	1		
8	Gouveia — Sanjoanense		x	
9	Vizela — Famalicão		x	
10	Salgueiros — T. Novas	1		
11	Farense — Portimonen-	1		
12	Torriense — Oriental	1		
13	Lusitano — Sesimbra	1		

Brandão, Gonçalves & Ferreira, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Outubro de 1969, inserta de fls. 34 a 36 do livro próprio B-N.º 71 deste Cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Mário da Silva Lourenço & Companhia Limitada», com sede em Aveiro, procederam aos seguintes actos:

a) — Mário da Silva Lourenço e Dr. Mário António Ramos Lourenço, cederam à mencionada Sociedade «Mário da Silva Lourenço & Companhia, Limitada» a quota de 250 contos que cada um deles nela tinha, deixando assim de fazer parte da sociedade.

b) — Que os actuais sócios alteraram os artigos primeiro e quarto do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a firma «Brandão, Gonçalves & Ferreira, Limitada», tem a sede e estabelecimento na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, número trezentos e trinta e trezentos e trinta-A, freguesia da Vera-Cruz, em Aveiro, durará por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir da data da sua constituição.

Artigo Quarto — A Gerência, dispensada de caução, remunerada conforme for deliberado em Assembleia Geral, incumbe a todos os sócios.

A sociedade só ficará obrigada com a assinatura de qualquer deles nos actos de mero expediente.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida, além ou em contrário do que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 7 de Novembro de 1969

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XVI — 15-11-1969 — N.º 784

AGRADECIMENTOS

Conceição da Rocha Soares

A sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta.

Luciana Rosa Andias

A sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta.

EMPREGADO DE BALCÃO
PARA ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS
PRECISA: SERVIÇO BOSCH
Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 157 — AVEIRO

CAFÉ — TRESPASSA-SE

— com fabrico de pastelaria, bem situado, por motivo de doença.
Tratar: na Rua Direita, 40 — ÍLHAVO.

Licenciado explica:

Físico-Químicas — 2.º e 3.º ciclos

Matemática { Ciclo Preparatório 2.º e 3.º ciclos dos Liceus

Av. SALAZAR, 52 — r/chão D.to
AVEIRO

Prédio—Vende-se

—na rua da Arrochela, n.º 47, em Aveiro.
Tratar: na rua de Ílhavo, n.º 46-2.º Esq.º — AVEIRO.

Carlos M. Candal
ADVOGADO
Trav. do Governo Civil, 4-1.º-D
AVEIRO

ALUGA-SE

— garagem, na Rua das Marinhas, ao n.º 41.
Tratar pelo telef. 22015.

ADRIANO PIMENTA
MÉDICO ESPECIALISTA
Ex-Assistente da Universidade de Coimbra
Chefe de Serviço de Cirurgia do Hospital de Aveiro
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA
APARELHO DIGESTIVO
(rectoscopia na criança e no adulto)
Consultas diárias excepto sábados a partir das 16 horas.
Cons: Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-2.º Esq.º
Resid: Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-4.º Esq.
Telefone 24981 — AVEIRO

Trespassa-se

— no Lugar da Forca, a *Loja do Altinho* de Vasco R. Valente, por falta de pessoal para estar à frente do negócio.
Casa de grande movimento e com futuro de expansão garantido para casal novo.
Tratar pelo telef. 23759.

AMORIM FIGUEIREDO
Médico Especialista
OSSOS E ARTICULAÇÕES
Consultório:
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 51
Telef. 24355
AVEIRO
2.as, 4.as e 6.as — 15 horas
Residência:
Telef. 66220

DR. SANTOS PATO
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças das Senhoras — Operações
Consultório
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 28-A-2.º
— às 2.as, 4.as e 6.as feiras das 15 às 16 h
Telefones 23 182 - 75 145 - 75 277
AVEIRO

SECRETARIA NOTARIAL
DE AVEIRO
Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Novembro corrente, inserta de folhas quarenta e duas a quarenta e três, do L.º C-N.º 8, do arquivo deste Cartório, Odete da Silva Afonso, solteira, emancipada de pleno direito, natural da freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro, e residente nas Termas de S. Pedro do Sul, foi habilitada como única herdeira de sua mãe Irene da Silva, natural da mencionada freguesia de Aradas, onde residia no lugar de Verdemilho e falecida em 21 de Novembro de 1968, na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, no estado de casada com Domingos de Oliveira Afonso, de quem se encontrava judicialmente separada de pessoas e bens.
Está conforme ao original.
Aveiro, onze de Novembro de mil novecentos e sessenta e nove.

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XVI — 15-11-1969 — N.º 784

AUTOMÓVEIS
Precisa comprar, vender ou trocar o seu automóvel, dirija-se ao Stand B M W
de: **Rep. Aveirauto, L.da**
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 181 — Telef. 22167 — AVEIRO

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu
Reparações garantidas e aos melhores preços
Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B-Telef. 22359
AVEIRO

SEISDEDOS MACHADO
ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º
AVEIRO

M. Costa Ferreira
MEDICINA INTERNA
DOENÇAS DO CORAÇÃO
DOENÇAS DO SANGUE
Consultas diárias às 15 horas
Consultório:
R. de S. Sebastião, 119
Residência:
R. Gustavo F. Pinto Basto, 18
Tel. 23547

J. Rodrigues Póvoa
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOGRAFIA
METABOLISMO BASAL
No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Drt.º — Telefone 23 875 —
a partir das 13 horas com hora marcada
Residência — Av. Salazar, 46-1.º Drt.º
Telefone 22 750
EM ÍLHAVO
No Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas.
Em Estarreja — no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas.

Vende-se

— terreno para construção, com 1 200 m², com duas frentes.
Tratar com Manuel Naia Fortes, Ilha do Canastro, 41, em Aveiro.

Aluga-se

Armazém, com 122 metros quadrados, na rua das Marinhas, n.º 39. Informa-se na mesma rua, ao n.º 5.

PIANO

— tipo horizontal, vende-se.
Informa: Rua da Liberdade, 27, em Aveiro.

... e os êxitos sucedem-se
... mais uma grande vitória

OPEL

agora na **XIII VOLTA AUTOMÓVEL DA EUROPA (ADAC)**

1.º da Classificação Geral — **Kadett Rallye-LS 1900** conduzido pela equipa Vogt/Waldner

1.º da classe I — **Kadett 1.100**, da equipa Beck/Grafenhorst

1.º da classe IV — **Kadett LS 1900**, couduzido pela equipa Vogt/Waldner

A equipa francesa Greder/Beaumont, conduzindo um **Commodore GS** recebeu o prémio Especial da melhor equipa estrangeira com carros alemães.

Concessionário para o Distrito de Aveiro **Stand Justino**
5 BICAS — AVEIRO

Continuações

BEIRA-MAR — ESPINHO

to do tempo regulamentar, limitando-se os espinhenses a esporádicos e débeis contra-ataques e a um período, de curta duração (depois de terem sofrido o segundo golo), de empertigamento relativo, em que procuraram amenizar a derrota, beneficiando da natural quebra de ritmo dos locais, já tranquilos quanto à conquista do triunfo.

No entanto, apesar do seu domínio, os aveirenses sentiram imensas dificuldades para exprimirem em golos a sua incontroversa supremacia e tardaram mesmo a encontrar o caminho da baliza contrária — o que provocou descontentamento nalguns sectores do público que, intempestivamente e desaconselhàvelmente chegou a assobiar os jogadores e o técnico beiramarenses...

A verdade é que, sem produzirem exibição brilhante e sem serem perfeitos (quanto se deve exigir, entenda-se), jogaram com aplicação, certa desenvoltura, bom sentido colectivista e rapidez de execução, que mereciam outro apoio dos seus adeptos. Foi, em suma, uma actuação francamente positiva — o que, em nosso entender, apenas faltaram mais dois ou três golos, como justo prémio para a pressão que a equipa, em bloco, exerceu sobre um antagonista, valoroso, que procurou vender cara a derrota e (como vem sendo hábito entre os visitantes que se deslocam a Aveiro) com esse intuito pôs em prática um «ferrolho» cuja «gazua» tardou a surgir...

Dentro desse sistema, que lhes coartou por completo as hipóteses dum resultado-surpresa de sensação, com dianteiros em inferioridade numérica e desapoiados, os «tigres» da Costa Verde fizeram retardar a inauguração do marcador, dando ideia de que procuravam aguentar o zero-a-zero, desfecho que lhes servia à maravilha. Assim, e recorrendo, agora e logo, a lances de maior rudeza e irregularidades (como demoras ostensivas nas reposições e impedimento da pronta marcação dos castigos em que incorriam, arremessando para longe do local exacto o esférico), os espinhenses complicaram a vida dos seus antagonistas, intentando quebrar-lhes o ritmo e impedindo o normal desenvolvimento, em progressão e finalização, dos seus ataques.

De quanto ficou dito, infere-se que o Beira-Mar foi vencedor justo; e terá de concluir-se, também, que a marca de 3-0 é prémio insuficiente para o domínio e para o labor — todo ele vibração, querer, vontade férrea — da turma «auri-engra».

Evidenciaram-se, no Beira-Mar: Abdul (que propomos para o prémio da Camisaria Moreto), Lázaro, Celestino, Soares, Almeida e Cleo, mesmo jogando em pequeno período; e, no Espinho: Arnaldo, Cálix, Alcobia e Ribeiro.

A arbitragem foi frouxa. O juiz de campo contemporizou em demasia com a rudeza de certos espinhenses (capítulo em que se salientou o defesa Gomes, com entradas a varrer) e teve outros deslizes, mas não influiu no desfecho final.

Sumário Distrital

Resultados da 2.ª jornada:

BUSTELO — ESTARREJA	1-1
PEJÃO — PAÇOS DE BRANDÃO	2-5
ANADIA — S. ROQUE	2-2
VALONGUENSE — O. DO BAIRRO	0-0
CUCUJÃES — RECREIO	2-0
ARRIFANENSE — OVARENSE	3-2
S. JOÃO DE VER — ESMORIZ	0-1
MEALHADA — PAIVENSE	2-2

Classificação geral:

1.º — Esmoriz (4-0), 6 pontos. 2.º — Oliveira do Bairro (3-1), 5. 3.º — Paços de Brandão (7-4), 5. 4.º — Estarreja (4-2), 5. 5.º — S. Roque (4-2), 5. 6.º — Paivense (4-2), 5. 7.º — Ovarense (6-3), 4. 8.º — Bustelo (3-3), 4. 9.º — Recreio de Águeda (2-3), 4. 10.º — Arrifanense (3-4), 4. 11.º — Cucujães (2-4), 4. 12.º — Valonguense (1-2), 3. 13.º — Anadia (3-5), 3. 14.º — Mealhada (2-5), 3. 15.º — S. João de Ver (1-4), 2. 16.º — Pejão (2-7), 2.

RESERVAS

Zona A — 2.ª jornada

LAMAS — VALECAMBRENSE	1-3
OIVEIRENSE — BEIRA-MAR	2-5
FEIRENSE — LUSITÂNIA	1-1

Classificação geral:

1.º — Beira-Mar (6-2), 6 pontos. 2.º — Valecambrense (4-1), 6. 3.º — Ovarense (1-0), 3. 4.º — Feirense (1-2), 3. 5.º — Lusitânia (1-1), 2 6.º — Lamas (1-4), 2. 7.º — Oliveirense (2-6), 2.

Ovarense e Lusitânia têm menos um jogo que os outros grupos.

JUNIORES

A competição aveirense para juniores prosseguiu, com a segunda jornada, para as equipas das Zonas A, B e C, e com a penúltima ronda da primeira volta para os grupos da Zona D.

Resultados gerais e classificações, em cada zona:

ZONA A

FEIRENSE — P. DE BRANDÃO	5-0
ESMORIZ — LUSITÂNIA	0-2
LAMAS — ESPINHO	3-0

Classificação: 1.º — Feirense (6-0), 6 pontos. 2.º — Lamas (5-1), 6. 3.º — Lusitânia (2-1), 4. 4.º — Espinho (2-3), 4. 5.º — Esmoriz (0-4), 2. 6. — Paços de Brandão (1-7), 2.

ZONA B

ARRIFANENSE — CESARENSE	2-2
BUSTELO — S. ROQUUE	3-0
OLIVEIRENSE — SANJOANENSE	0-3

Classificação: 1.º — Sanjoanense (10-0), 6 pontos. 2.º — Arrifanense (6-3), 5. 3.º — Oliveirense (3-3), 4. 4.º — Bustelo (3-7), 4. 5.º — Cesarense (2-5), 3. 6.º — S. Roque (1-7), 2.

ZONA C

BEIRA-MAR — OVARENSE	0-1
ALBA — VISTA-ALEGRE	2-0
ESTARREJA — CUCUJÃES	0-2

Classificação: 1.º—Alba (10-0), 6 pontos. 2.º — Ovarense (6-1), 6. 3.º — Vista-Alegre (4-2), 4. 4.º — Cucujães (2-8), 4. 5.º — Beira-Mar (0-5), 2. 6.º — Estarreja (1-7), 2.

ZONA D

RECREIO — PAMPILHOSA	1-2
GAFANHA — MEALHADA	1-1
OLIVEIRA DO BAIRRO — ANADIA	3-2

Classificação: 1.º — Anadia (11-4), 13 pontos. 2.º — Valonguense (11-7), 11. 3.º — Mealhada (7-7), 11 4.º — Pampilhosa (8-9), 11. 5.º — Oliveira do Bairro (11-10), 10. 6.º — Recreio de Águeda (6-9), 9. 7.º — Gafanha (5-13), 7. A turma aguedense concluiu a primeira volta,, contando mais um jogo que os restantes clubes da sua zona.

JUVENIS

A terceira jornada deste campeonato proporcionou estes desfechos

ZONA A

AROUCA — VALECAMBRENSE	3-1
BUSTELO — ARRIFANENSE	1-2
ESPINHO — SANJOANENSE	1-0
FEIRENSE — CUCUJÃES	2-2
LUSITÂNIA — S. ROQUE	4-1

Classificação: 1.º — Feirense (10-3), 8 pontos. 2.º — Sanjoanense (10-1), 7. 3.º — Arrifanense (5-2), 7. 4.º — Espinho (5-2), 7. 5.º — Cucujães (5-4), 7. 6.º — Lusitânia (4-2), 6. 7.º — Arouca (4-11), 6. 8.º — Valecambrense (7-6), 5. 9.º — S. Roque (2-14), 3. 10.º — Bustelo (1-15), 3.

ZONA B

ANADIA — OVARENSE	2-0
ESTARREJA — GAFANHA	5-1
ALBA — AVANCA	2-2
RECREIO — BEIRA-MAR	0-2

Classificação: 1.º — Avanca (4-2), 8 pontos. 2.º — Beira-Mar (9-3), 7. 3.º — Anadia (4-1), 7. 4.º — Alba (5-9), 6. 5.º — Estarreja (6-5), 5. 6. — Ovarense (3-5), 5. 7.º — Oliveirense (4-3), 4. 8.º — Gafanha (3-5), 4. 9.º — Recreio de Águeda (1-6), 2. As turmas da Oliveirense, do Gafanha e do Recreio de Águeda contam menos um jogo que os restantes grupos.

OS CLUBES DA CIDADE LUTAM PELA MELHORIA DAS SUAS INSTALAÇÕES

vante, por quase sempre fechada, passagem de nível, o problema é semelhante ao do Beira-Mar.

Junto da sua Sede (a necessitar de reforma) o Esgueira possui um recinto desportivo que, pelas suas características e localização, está mesmo a pedir que o cubram.

O glorioso passado do Clube e o trabalho sério desenvolvido no presente, em especial nas camadas mais jovens, justificam plenamente a melhor compreensão pela resolução deste problema que só o será se, quem pode, não quiser ajudar a resolvê-lo.

Entretanto, o mais novo dos quatros clubes a que nos temos vindo a referir neste breve apontamento (o mais novo mas não menos consagrado Sporting Club de Aveiro) também tem as suas aspirações que, no fundo, se resumem a isto que, na realidade, é bem pouco: pretende construir um ginásio funcional, uma «oficina» destituída de quaisquer luxos mas na qual os competentes e incansáveis porfessores das suas classes de ginástica possam extrair, sem limitações de qualquer espécie, total rendimento do cada vez mais numeroso lote de alunos ou candidatos interessados pela prática de tão salutar quanto desprotegida modalidade-base.

Em face do incremento que, de ano para ano, se tem vindo a observar (e isto só com duas aulas por semana para cada classe, quando o normal é haver três), as instalações a que o Sporting tem recorrido para o efeito (Ginásio do Liceu, Escola Técnica e Pavilhão Gimnodesportivo) são insuficientes para, dentro dos horários viáveis, lhe dar total vazão.

Repare-se: em Outubro de 1969 o número de inscritos foi de 282 e no mesmo mês, mas no ano em curso, esse número pulou para 347, com tendência para aumentar.

Se acrescentarmos a este pormenor bastante significativo, o facto do Sporting, a partir da próxima semana, pôr, gratuitamente, à disposição dos alunos do ensino primário um Professor diplomado pelo I. N. E. F., teremos explicadas as razões por que o Clube da presidência do Dr. Cura Soares pretende edificar, no mais breve espaço de tempo, o seu ginásio.

Haverá alguém em Aveiro que conhecendo de perto a grande obra que, sem fanfarronices, mas, com elevados sacrifícios, o Sporting local tem vindo a desenvolver em prol duma melhor saúde física e alegria de viver dos papás, mamãs e meninos que, semanalmente, frequentam as suas aulas de ginástica, ponha reticências à satisfação urgente de tão legítimo e fundamentado anseio ?

Julgamos que não. E como julgamos que não, temos a certeza de que ao indispensável subsídio já prometido, segundo supomos, pelo Presidente da Comissão Administrativa do Fundo de Fomento de Desporto e ao que, certamente, e na altura própria, será atribuído pelas entidades oficiais da Cidade, se juntará o dos seus generosos habitantes, no grupo dos quais estão todos aqueles que directa ou indirectamente têm vindo a beneficiar, e muito, da frutuosa acção dos «leões» aveirenses.

Quem se debruçar atentamente e meditar sobre este escrito talvez chegue à conclusão de que em Aveiro se está a sonhar alto, desejando demasiado.

Não é bem assim, pois, como se diz no reclame dos detergentes, «basta comparar».

Coimbra (neste caso a «vizinha do lado») dispõe no momento presente de um excelente pavilhão gimnodesportivo, de mais três ou quatro recintos cobertos e, segundo soubemos, vai passar a contar, em futuro mais ou menos breve, com mais cinco (cinco, não há gralha) novos pavilhões. Que tal ?

LÚCIO LEMOS

Exposição Bibliográfica Desportiva

de livros como estes de alguns segredos e pormenores focados por autores qualificados.

Pena foi que tal exposição não pudesse constituir mais que simples aperitivo oferecido pela Direcção Geral dos Desportos fazendo transportar de Lisboa para Aveiro tantas obras de inegável valia, só para vista, e com o rótulo de ida e volta.

Aproveitamos para sugerir a criação de bibliotecas de carácter itinerante ou de preferência fixas a fim de ser proporcionada principalmente aos nossos jovens a leitura de assuntos tanto do seu interesse, gratuitamente. Por que não criar em sítio próprio, e por intermédio da Delegação dos Desportos em Aveiro, na nossa cidade, uma biblioteca desportiva acessível a todos ? Talvez que dos dinheiros destinados a fomentar o desporto pudesse algum ser canalizado para este fim, dados os reais benefícios que daí adviriam.

Apetece-nos aqui realçar o magnífico trabalho do funcionário superior da Direcção Geral dos Desportos, sr. Dr. Manuel Sérgio, encarregado da organização desta exposição e que tem a seu cargo a recolha e publicação de toda a matéria desportiva, propriedade daquela Direcção Geral.

MANUEL MOREIRA

Basquetebol

(126-91), 6. 3.º — Sangalhos (99-124)), 2. 4.º — Sanjoanense (92-144), 2.

JUNIORES

4.ª jornada

Illiabum, 33 — Galitos, 39
Esgueira, 47 — Sanjoanense, 24

Classificação: 1.º — Galitos, 9 pontos. 2.º — Esgueira, 9. 3.º — Illiabum, 8. 4.º — Sangalhos, 3. 5.º — Sanjoanense, 3. A turma do Illiabum tem mais um jogo que os restantes clubes, tendo finalizado a primeira volta do torneio.

JUVENIS

6.ª jornada

Beira-Mar, 22 — Illiabum, 53
Galitos, 60 — Internato, 19
Esgueira, 28 — Sangalhos, 38

Classificação: 1.º — Galitos, 15 pontos. 2.º — Illiabum, 13. 3.º — Sangalhos, 11. 4.º — Esgueira, 11. 5.º — Beira-Mar, 8. 6.º — Internato, 6. 7.º — Sanjoanense, 4. A turma do Beira-Mar já completou a primeira volta, tendo mais um jogo que os restantes grupos; encontra-se em atraso o desafio Sanjoanense — Internato, da ronda inaugural.

FEMININO

2.ª jornada

Sanjoanense, 35 — Esgueira, 8

Classificação: 1.º — Esgueira (35-54), 4 pontos. 2.º — Sanjoanense (35-8), 3. 3.º — Illiabum (19-27), 1.

Homenagem

da *Exposição do Livro de Educação Física e Desporto.*

Esta última cerimónia foi precedida por algumas palavras do sr. Dr. Manuel Sérgio, do Centro de Documentação e Fomento Desportivo — organismo promotor do valioso certame, a que noutro ponto nos referimos, num apontamento escrito por um nosso colaborador.

★

À noite, no Hotel Imperial, realizou-se um jantar de homenagem, presidido pelo Chefe do Distrito, reunindo centena e meia de desportistas, de vários pontos do país.

Aos brindes, usaram da palavra: Dr. Mário Gaioso Henriques, Presidente da Direcção do Clube dos Galitos, em nome das colectividades do Distrito, que finalizou as suas palavras entregando um artístico pergaminho ao sr. Dr. Armando Rocha; Afonso Pinto de Magalhães, Presidente da Direcção do Futebol Clube do Porto; Dr. Paulo Sarmento, Delegado da Direcção-Geral dos Desportos no Porto; Joaquim Alves Teixeira, Director de «O Norte Desportivo», em representação da Imprensa; Dr. Alberto Espinhal, Delegado da Direcção-Geral de Desportos em Aveiro; e Dr. Francisco do Vale Guimarães, Governador Civil de Aveiro.

No final, o sr. Dr. Armando Rocha fez judiciosa análise ao momento desportivo nacional e agradeceu, de novo, a homenagem de que fora alvo.

jogos Infante de Sagres — Beira-Mar e Académico — Académica de Espinho.

Os campeonatos regionais de basquetebol prosseguem, com os seguintes desafios :

HOJE — Galitos — Esgueira (juniores e seniores) e Sanjoanense — Sangalhos (juniores e seniores).

AMANHÃ — Illiabum — Galitos, Internato — Esgueira e Sangalhos — Sanjoanense (juvenis) ; e Sanjoanense — Illiabum (feminino).

O Campeonato Distrital de Reservas, em futebol, prossegue esta tarde, na Zona A, com os desafios da terceira joranda : BEIRA-MAR — LAMAS, VALECAMBRENSE— OVARENSE e LUSITÂNIA — OLIVEIRENSE.

Amanhã, pelas 10 horas, no Campo do Seminário, realiza-se um desafio amistoso de futebol entre os grupos representativos da BARBEARIA CENTRAL (clientes e empregados) e do CAFÉ GALITO (habituais frequentadores).

As equipas— que não entraram em estágio — alinham com os seguintes elementos :

BARBEARIA CENTRAL — Agnelo («Suicida»), Nogueira («Homem-golo»), Humberto («Arma Secreta»), Charneira («Far-West»), Ventura («Truta»), Aníbal («Agitador»), Pompeu («Dr. Taina»), António Ardina («Anti--Dopping»), Amadeu de Pinho («Boneco»), Helder Peão («Super-sónico»), Fernando Júnior («Reguila»), Américo Silva («Risonho»), João Cravo («Descapotável») e Ernesto («Marreco»).

CAFÉ GALITO — Silva (Pai), Pinho, Alves, Guedes, Piedade, Tércio, Vitor, Jones, Henrique, Coutinho, Costa, Rocha Martins, Zé Santos e Alfredo.

No final, efectua-se um almoço de confraternização, no Hotel Imperial.

Principia, no sábado, o Campeonato Corporativo de Aveiro (Zona Norte), em futebol, concluindo os jogos deste modo :

MOLAFLEX — CORFI	0-1
PAULA DIAS — RECOR	4-0
ESTAL. S. JACINTO — OLIVA	1-4

Esta tarde, efectua-se a segunda jornada, com os jogos RECOR — ESTALEIROS S. JACINTO, CORFI — PAULA DIAS e OLIVA — C. P. DE LAMAS.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

A MARCHA DA PROVA

Resultados da 7.ª jornada:

BEIRA-MAR — ESPINHO . . . 3-0
GOUVEIA — LEÇA 2-2
VIZELA — TIRSENSE 1-3
MARINHENSE — SANJOANENSE 1-1
SALGUEIROS — FAMALICÃO . 1-1
LAMAS — ACAD. DE VISEU . . 2-3
PENAFIEL — TORRES NOVAS . 3-0

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Tirsense	7	5	1	1	14-6	11
Beira-Mar	7	4	1	2	16-7	9
Sanjoanense	7	3	3	1	11-5	9
Famalicão	7	2	4	1	11-8	8
Leça	7	1	5	1	6-6	7
Gouveia	7	3	1	3	9-10	7
T. Novas	7	3	1	3	13-16	7
Salgueiros	7	2	2	3	11-12	6
A. de Viseu	7	2	2	3	9-11	6
Marinhense	7	1	4	2	6-9	6
Vizela	7	2	2	3	8-12	6
Espinho	7	2	2	3	11-17	6
Penafiel	7	2	1	4	9-11	5
Lamas	7	2	1	4	8-12	5

Jogos para amanhã:

ESPINHO — PENAFIEL
LEÇA — BEIRA-MAR
TIRSENSE — GOUVEIA
SANJOANENSE — VIZELA
FAMALICÃO — MARINHENSE
A. DE VISEU — SALGUEIROS
TORRES NOVAS — LAMAS

Beira-Mar, 3 Espinho, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Amadeu Martins, coadjuvado pelos srs. Vasco Teixeira (bancada) e Custódio Saraiva (peão) — todos da Comissão Distrital de Braga.

BEIRA-MAR — José Pereira; Marques, Viriato, Soares e Almeida; Celestino (Colorado, aos 78 m.) e Abdul; Amaral, Nelinho, Cleo e Lázaro (José Manuel, aos 67 m.).

ESPINHO — Arnaldo; Simplício, Silva, Gonçalves e Gomes; Alcobia (Momade, aos 60 m.) e Ribeiro; Leandro (Acácio, aos 68 m.), Naftal, Luciano e Cálix.

★

O primeiro golo surgiu aos 55 minutos, no desenvolvimento de um «corner», cedido por Arnaldo, em defesa portentosa, a impedir o golo num remate de Cleo. Lázaro apontou o castigo e NELINHO fugiu a Silva, e Simplício, um ressalto, fez a bola ultrapassar o risco, com um toque oportuno. O defesa Gomes ainda afastou o esférito, e os espinhenses esboçaram protestar a legalidade do tento — do que foram dissuadidos, de pronto e enèrgicamente, pelo árbitro, bem colocado no lance.

Aos 74 minutos, num lance de insistência, pela esquerda, NELIHNO fugiu a Silvae Simplício, ganhou um ressalto da bola e atirou, picado, no momento em que Arnaldo saía dos postes, levando o esférico ao fundo das malhas. Estava feito o segundo golo.

Já quando o relógio assinalava o derradeiro minuto, os beiramarenses obtiveram novo tento, colocando a marca em 3-0. O lance desenrolou-se pela direita, entre Colorado e Nelinho, que foi até à cabeceira, batendo Gomes, e daí centrando, rente ao relvado. Fazendo-se ao lance, de forma a concitar sobre si a atenção dos defesas contrários, o mesmo Colorado simulou rematar, mas saltou sobre a bola. Esta foi até AMARAL, completamente isolado, que se limitou a desviar a trajectória do esférico.

De novo, os espinhenses reclamaram, mas de novo sem razão — pelo que o árbitro não os atendeu, e bem.

★

Os beiramarenses mantiveram-se, em pertinaz e porfiado labor ofensivo, durante noventa por cen-

Continua na página sete

AVEIRO na III DIVISÃO

ZONA B — 5.ª jornada:

Covilhã — Guarda 3-0
FEIRENSE — Marialvas 1-1
VALECAMBRENSE — Vildemoinhos 3-1
Penalva — União de Coimbra . 2-8
ALBA — OLIVEIRENSE 1-0
Pinhelenses — Mortágua 2-1
Celoricense — Ala-Arriba . . . 0-2
Gonçalense — LUSITÂNIA . . . 1-4

Classificação geral:

1.º — Covilhã (17-4), 9 pontos. 2.º — VALECAMBRENSE (10-2), 9. 3.º — União de Coimbra (19-6), 8. 4.º — LUSITÂNIA (11-5), 7. 5.º — ALBA (8-3), 7. 6.º — Ala-Arriba (6-3), 7. 7.º — OLIVEIRENSE (5-2), 6. 8.º — Marialvas (4-4), 5. 9.º — Vildemoínhos (8-10), 5. 10.º — Mortágua (2-5), 4. 11.º — Guarda (4-9), 4 12.º — FEIRENSE (10-8), 3. 13.º — Pinhelenses (3-8), 2. 14. — Celoricense (3-13), 2. 15.º — Penalva do Castelo (7-17), 1. 16.º — Gonçalense (3-21), 1.

Basquetebol

CAMPEONATOS de AVEIRO

As várias competições aveirenses de basquetebol prosseguiram, no sábado e domingo, com os desafios de que em seguida registamos os resultados:

SENIORES

4.ª jornada

Esgueira, 79 — Sanjoanense, 49

Classificação: 1.º — Esgueira (142-100), 6 pontos. 2.º — Galitos

Continua na página sete

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

AVEIRO, 15 - NOVEMBRO - 1969
ANO XVI - N.º 784 - AVENÇA

Homenagem ao Director-Geral dos Desportos

O Director-Geral dos Desportos, sr. Dr. Armando Rocha, quando agradecia a homenagem dos clubes desportivos do Distrito de Aveiro

De acordo com o programa aqui oportunamente divulgado, foi homenageado em Aveiro, no sábado, por iniciativa dos clubes do nosso Distrito, o sr. Dr. Armando Rocha, Director-Geral dos Desportos.

Pouco depois das 16 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo, em ambiente de festa, realizou-se uma sessão solene. Na tribuna de honra, ladeando o homenageado, encontravam-se as mais qualificadas entidades oficiais do Distrito; e, em lugares de evidência, viam-se os dirigentes das várias associações regionais e dos clubes, além de algumas figuras gradas do Desporto Nacional.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o dirigente da Sanjoanense sr. Sílvio Bulhosa, representando todos os clubes. E discursaram, depois, dois aguedenses (conterrâneos do sr. Dr. Armando Rocha): Sérgio Manué Ferreira Henriques, nadador do Sport Algés e Águeda, em nome dos atletas, e Eng.º Carlos Rodrigues, Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, em nome dos promotores da homenagem.

Todos os oradores se referiram aos serviços que o sr. Dr. Armando Rocha tem prestado ao Desporto, no exercício das suas elevadas funções, procurando realizar trabalho de raiz e em profundidade, em prol do desejado renascimento desportivo português.

Em seguida, o sr. Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal, expressou os agradecimentos da cidade e do concelho pelas obras já aqui realizadas; manifestou a esperança de que possam ser resolvidas as necessidades mais prementes de Aveiro, no capítulo de instalações, com o empenho e o interesse que o sr. Dr. Armando Rocha dispensar ao seu estudo; e associou-se à justiça da homenagem, afirmando que o exemplo de Aveiro deverá ser seguido, em escala nacional.

No final, o sr. Dr. Armando Rocha agradeceu a homenagem: aos promotores e a quantos se associaram àquele preito, que qualificou de generoso. Evocou prestigiosos desportistas aveirenses (Mário Duarte, Prof. João Infante, Francelino Costa, Dr. Costa e Melo); lembrou os tempos em que representou o Liceu de Aveiro, como ginasta e voleibolista, e o Galitos, como basquetebolista e timoneiro, em remo; e, concluindo, fez um balanço da obra desportiva efectuada, desde 1963, pelo departamento que orienta, tecendo considerações sobre a prática desportiva e os ambientes que a condicionam.

— Foram lidos telegramas de várias individualidades, associando-se à homenagem; e, no termo do seu discurso, o sr. Sílvio Bulhosa ofereceu ao Director-Geral dos Desportos uma valiosa e artística peça de porcelana, com a qual os clubes do Distrito pretendiam significar-lhe o seu apreço.

— Seguiu-se um desfile dos atletas dos clubes presentes na cerimónia, pela seguinte ordem: Sporting Paivense, Sporting de Aveiro, Alba, Sport Algés e Águeda, Sangalhos, Recreio de Águeda, Internato, Illiabum, Ginásio Clube de Águeda, Esgueira, Galitos, União de Lamas, Paços de Brandão, Estarreja, Desportivo de Cucujães, Arrifanense, Clube de Campismo e Caravanismo de Aveiro, Atlético de Famalicão, Valonguense, Sanjoanenes, Macinhatense, Associação Atlética de Avanca, Académica de Espinho, Atlético de Cucujães, Oliveirense, Anadia, Desportivo de Fiães, Beira-Mar, Sporting de Espinho, Ovarense e Mealhada.

★

Terminada a parada atlética, e no prosseguimento do programa estabelecido, o sr. Dr. Armando Rocha visitou, interessadamente, a futura sede do Clube dos Galitos (em fase já muito adiantada de construção); e presidiu, no salão dos Serviços Culturais da Câmara Municipal, à inauguração

Continua na página sete

POSSE DOS NOVOS DIRIGENTES DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL

No sábado, na sede da Associação de Futebol de Aveiro, realizou-se a posse dos novos dirigentes, escolhidos em Assembleia Geral de 13 de Setembro.

A cerimónia teve a presença (inédita em actos semelhantes) do sr. Dr. Armando Rocha, Director-Geral dos Desportos. Na mesa da presidência, ladeavam-no os srs. Dr. Artur Alves Moreira, Vice-Presidente da Assembleia Geral da A. F. de Aveiro; Dr. Arberto Espinhal, Delegado em Aveiro da Direcção-Geral dos Desportos; e Eng.º Carlos Rodrigues, Presidente da Direcção da A. F. de Aveiro.

Depois da leitura do auto de posse, pelo Secretário-Geral da A. F. de Aveiro, sr. José de Oliveira Ferreira, o mesmo foi assinado e proferiram breves discursos, alusivos ao significado da cerimónia, o Presidente da Di-

Continua na página cinco

OS CLUBES DA CIDADE LUTAM PELA MELHORIA DAS SUAS INSTALAÇÕES

APONTAMENTO DO DR. LÚCIO LEMOS

GALITOS, Beira-Mar, Esgueira e Sporting Clube de Aveiro debatem-se no momento actual com o problema das suas instalações sociais.

Graças, sobretudo, ao elevado espírito de combate, bom senso e diplomacia dum Presidente da craveira do Dr. Mário Gaioso, o Galitos caminha no «mar da tranquilidade» com as velas bem soltas ao vento, rumo à consumação do seu mais premente desejo — a construção da sua sede social, «obra magnífica que já impôs sacrifícios e mais alguns exigirá».

Se nos reportarmos ao que até aqui foi edificado e que, muito agradàvelmente, se encontra à vista de todos na Praça do Dr. Melo de Freitas, é caso para afirmarmos, sem receio de desmentido, que pouco falta para que «o Galo no seu altaneiro poleiro, cante ainda mais de galo».

Por seu turno, o Beira-Mar, agora (será de vez?) mais enamorado pela prática das modalidades pobrezinhas, acalenta fundadas esperanças de que a cobertura do seu excelente pavilhão venha a ser um facto.

O Presidente Dr. Maya Seco não é, nem por sombras, dos que desistem sem luta.

Já antes de ser o principal responsável pelas múltiplas actividades do Clube se lhe tinha metido na cabeça que havia de conseguir a cobertura do pavilhão.

Isso — que é muito — e a subida da equipa de futebol à 1.ª Divisão nacional — que é muitíssimo — constituem as naturais ambições de um Presidente de Clube que se preza do cabal desempenho das funções da sua competência.

Quem, como nós, conhece e admira o invejável dinamismo e premente entusiasmo do Dr. Maya Seco, não tem dúvidas de que a coisa irá, talvez até mais depressa do que se pensa.

Duvidar disso será o mesmo que duvidar, por exemplo, que o homem, meses atrás, pisou, finalmente, o solo lunar.

Quanto ao Esgueira, simpática e popular agremiação d'além ener-

Continua na página sete

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DESPORTIVA

NOTAS do ENG.º MANUEL MOREIRA

Porque desde sempre fomos atraídos pela leitura de assuntos desportivos, moveu-nos a curiosidade de visitar a exposição do livro sobre desporto, que esteve patente no edifício municipal situado na Praça da República.

Confessamos a nossa satisfação pelo que nos foi dado observar, pois raramente se poderá tomar conhecimento da existência de tantas obras versando as mais variadas modalidades.

Registe-se a enorme afluência e interesse dos jovens por esta exposição, numa manifestação evidente de interesse e desejo por uma cultura desportiva. Parece não restar a menor dúvida que pelo menos no que se refere a algumas modalidades, seria benéfico poder-se facultar aos praticantes do desporto, em complemento dos entreinamentos práticos, o estudo por intermédio

Continua na página sete

XADREZ DE NOTÍCIAS

A turma do Galitos desistiu do Campeonato Regional Feminino, em basquetebol, por falta de jogadoras que garantam o mínimo de uma presença honrosa.

Trata-se, sem dúvida, de baixa de vulto e deveras lamentável.

Principia, esta noite, em Cucujães, o Torneio Início, de andebol de sete, com os desafios Sanjoanense — Espinho (21.30 horas) e Cucujães — Beira-Mar (22.30 horas).

Em prosseguimento do Campeonato Nacional da II Divisão — Zona Norte, em hóquei em patins, apuraram-se os seguintes resultados, nos desafios da segunda volta:

Académica de Espinho, 10 — Beira-Mar, 1. Académico, 2 — Infante de Sagres, 3. Beira-Mar, 0 — Académico, 9. Infante de Sagres, 2 — Académica de Espinho, 1.

A prova termina esta noite, com os

Ex.mo Sr.
João Sarabando
AVEIRO

I-820